Sabbado 26 de Fevereiro de 1916

ÁS PORTAS DA ACADEMIA

A Historia — Sente-se, Snr. Barão. V. Ex.ª deve estar muito fatigado.

SÓ

É CALVO QUEM QUER
PERDE O CABELLO QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER

PORQUE O PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, impede a sua quéda, faz vir uma barba forte e sadia e faz desapparecer completamente a caspa e quaesquer parasitas da cabeça, barba e sobrancelhas. Numerosos casos de curas em pessoas conhecidas, provam a sua efficacia.

BEXIGA, RINS, PROSTATA, URETHRA

A UROFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da prostata, da urethra e dos intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado na insufficiencia renal, nas cystites, pyelites, nephrites, pyelo-nephrites, urethrites chronicas, inflamação da prostata, catarrho da bexiga, typho abdominal, uremia, diathese urica, areas, calculos, etc.

As pessoas idosas ou não, que têm a bexiga preguiçosa e cuja urina se decompõe facilmente devido á retenção, encontram na UROFORMINA de GIFFONI um verdadeiro ESPECIFICO, porque ella não só facilita e augmenta a DIURESE, como desinfecta a BEXIGA e a URINA evitando a fermentação desta e a infecção do organismo pelos productos dessa decomposição. Numerosos attestados dos mais notaveis clinicos provam a sua efficacia. Vide a bulla que acompanha cada frasco.

ENCONTRA-SE NAS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS DESTA CAPITAL E DOS ESTADOS E NO

Deposito: Drogaria Francisco Giffoni & C. — 1.º de Março, 17 — Rio de Janeiro

PROVERBIOS E ANNEXINS EM DOSES HOMOEOPATHICAS

— Não te fies de agua que não corra, nem de gato que não mie.

— O sangue herda-se, e o vicio pega-se.

— Se queres engordar, come com fome e bebe devagar.

— O que no leite se mama, na mortalha se derrama.

— Dize-me do que blasonas e dir-te-hei o que precisas.

— Não se deixa de semear trigo por medo dos pardaes.

— Do fogo te guardarás; mas do máo homem não poderás.

— A quem tenhas de consolar não faças chorar.

— Quem tem filho varão não chame a outro ladrão.

— Com as glorias olvidam-se as memorias.

— Vem mais apressado o perigo desprezado.

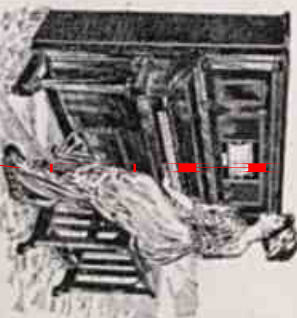
— Não fies, nem confies, nem filhos de outrem cries.

— A apressada pergunta, vagarosa resposta.

— Estomago agradecido não é bom amigo.

— Nunca é tarde, si a dita é bôa.

— Mais vale o louvor de poucos sabios que o de muitos tolos.

MARICÁ JUNIOR

CASA COLOMBO

AVENIDA E OUVIDOR

CARNAVAL 1916

FANTASIAS PARA MENINOS

FANTASIAS PARA MENINAS

«Pierrot» em setineta para menino ou menina a começar	18$000
«Folie» em setineta para meninas a começar	20$000

Sapatos para meninos ou meninas em pellica branca a começar	4$500
Sapatos para meninas em pellica amarella a começar	4$500
Botinas para meninas em camurça branca a começar	13$000

«Clown» em setineta lisa para meninos a começar	16$000
Sapatos para meninos em vernis a começar	5$000

TUDO PARA MENINOS E MENINAS

Ephemerides da semana

MEZ DE FEVEREIRO

27 — Installação do bispado de Mariannna (1748). Fallece o illustre professor, barão de Tautphoeus (1890).

28 — Morre em Nictheroy o erudito dr. Joaquim Caetano da Silva (1873).

29 — Posse do primeiro presidente da provincia de Minas, José Teixeira da Fonseca Vasconcellos, posteriormente Visconde de Caeté (1824).

MEZ DE MARÇO

1º — Morre na indigencia o architecto Valentim da Fonseca e Silva, o celebre «Mestre Valentim», auctor de innumeros trabalhos de valor no Rio de Janeiro e em Minas (1813).

Termina a guerra paraguaya (1870).

Fallece o senador Candido Mendes de Almeida, geographo e historiador (1881).

2 — Ordem ao governador da Capitania de Minas para remetter annualmente dez arrobas de café, «o melhor possivel», para o serviço particular do principe regente, devendo a remessa ser feita a elle directamente (1800).

3 — Alvará, ordenando que nos negros que fossem achados em quilombos, do Brasil, se ponha com ferro em brasa a marca — F — na espadua; e, si já tiver essa marca o negro fugido, corte-se-lhe uma orelha (1741).

4 — Representação da Camara e povo de São Paulo, pedindo ao governo da côrte a creação de um governo independente do Rio de Janeiro (1698).

MEDICINA EM PILULAS

O leite representa para todas as idades o alimento ideal, isto é, o mais physiologico, o mais hygienico. — Dr. L. Bourget.

•

Pela grande proporção de azoto que contem, a farinha de aveia é o alimento de força por excellencia. — D. Beaumetz.

•

O ovo mal cozido é rapidamente digerido e exige pouco trabalho ao estomago. — D. Beaumetz.

•

Um ar puro é mais util que um bom alimento: o ar é o nosso elixir vital. — Dr. Reveillé-Parise.

•

A alimentação exclusiva com óvos crús pode determinar a passagem de albumina nas urinas. — Dr. Stokvis.

•

Como hygiene, eu aconselho o casamento aos 18 annos para as mulheres, e aos 30 para os homens. — Platão.

•

A hygiene vestimentar das creanças se resume em tres palavras: aceio, simplicidade, liberdade. — J. B. Foussagrives.

•

O jejum é a morte do vicio, o grito da virtude, a fonte de todo o vigor, um remedio a todos os males. — S. João Chrysostomo.

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO . . 15$000 | SEMESTRE. 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . . 300 Rs. — ESTADOS . . . . 400 Rs

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 401 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 26 — FEVEREIRO — 1916 — ANNO IX

INEPCIA OU PERFIDIA

Foram officialmente publicados e já devem ser conhecidos nos mais remotos sitios do Brasil, os desejados documentos que constituem o sybillino inquerito relativo ao obscuro caso da venda dos armamentos.

Por inepcia ou por perfidia, esse inquerito parece ter sido orientado no sentido de defender o Ministro das Relações Exteriores de accusações que ninguem lhe fez, e reune cabalisticos documentos cujo computo póde contribuir para que se formem nuvens de insinuações insidiosas sobre a cabeça do supremo chefe da chancellaria brasileira.

Tudo que póde ser torcido contra o general Lauro Muller — é preciso, claro, largamente exibido; o que lhe possa ser favoravel — é apagado, sobrio, modestamente exposto.

A introducção que antecede os documentos publicados, se não é um producto de falta de intelligencia, é uma gloriosa obra prima de malicia. Com effeito, a introducção, ostentosamente preoccupada em defender o Ministro, mostra-o como sendo a auctoridade que recebeu a denuncia, diz tudo quanto elle conversou com o advogado dos negocistas, o conhecimento que do caso mandou dar ao Presidente da Republica, o empenho com que procurou assistir a entrevista do dr. Lafayette com o Presidente, a pressa com que correu ao palacio Guanabára ao saber que para alli se dirigira o dr. Lafayette. E' uma peça minuciosa, e narra tudo, menos o essencial, pois constatando que o Ministro concedera uma audiencia a Camara Canto, não declara, com o seu valor de acto official, o assumpto debatido nessa audiencia, e, depois de accentuar que o inquerito só foi confiado ao Ministerio das Relações Exteriores por pertencer ao seu quadro o ex-Secretario da Presidencia, francamente assegura que uma testemunha foi chamada para explicar actos do Ministro, o qual quiz remetter os papeis, para que fossem apuradas responsabilidades criminaes, ao seu collega da Justiça, não o tendo feito por incomprehensivel opposição do dr. Wenceslau Braz, mysteriosamente escondido por detraz de uma opinião juridica do dr. Clovis Bevilacqua.

Envolvendo o legatario de Rio Branco em uma trama subtil de insidias, multiplicam-se as suspeitas decorrentes do modo de ser conduzido o inquerito.

No interrogatorio a que foi submettido, em 27 de Dezembro, o dr. Lafayette, as insinuações são timidas e veladas, mas apparecem com desassombro nos quesitos que lhe foram dirigidos em 5 de Janeiro:

«1º — Se alguma vez se entendeu com o *Ministro das Relações Exteriores*, ou outro Ministro de Estado, a respeito da venda de armamentos?

2º — Se o *Ministro das Relações Exteriores*, outro Ministro de Estado, ou alguem, tinha sciencia da sua intervenção neste assumpto, e das suas relações com Camara Canto?

3º — Se ouvio do *Ministro das Relações Exteriores* ou de outro Ministro de Estado, que o negocio se podia fazer por intermedio de Potencia neutra, ou por qualquer outra forma?

4º — Se Camara Canto alguma vez lhe disse que tivera conferencias com o *Ministro das Relações Exteriores*, ou com outro Ministro de Estado, ou se de outra fórma soube que as houvesse tido?»

Por que a teimosia desse destaque do Ministro do Exterior, sobre os outros Ministros de Estado? Por que essas desconfiadas referencias directas, pessoaes, insistentes ao dr. Lauro Muller, e não ao general Caetano de Faria, o depositario do armamento, ou ao dr. Pandiá Calogeras, a quem deveria competir a parte financeira do negocio?

Como, em sua exposição, o sr. L. Ruffier tivesse feito allusões, até nominaes, ao Ministro do Exterior, logo a commissão de inquerito, com o evidente intuito de fornecer ao expositor occasião de desenvolver as suas insidias, incluio, entre os quesitos que lhe enviou, o seguinte:

«8º — Se sabe que Camara Canto mantinha relações com o secretario da Presidencia da Republica, o sr. Lafayette de Carvalho e Silva, e se alguma vez Camara Canto lhe affirmou que tivera repetidas conferencias com *algum Ministro*?»

Desta vez, manhosamente, os inquiridores não personalisaram o Ministro, por que a segunda parte desse 8º quesito corresponde ao seguinte trecho da anterior exposição do sr. Luciano Ruffier:

«*Os factos* analysados naquelle momento e a sua natureza tão delicada convenceram-me de que o sr. Camara era, de facto, emissario do Governo, *e mais particularmente do Ministerio das Relações Exteriores*, conforme dizia.»

A resposta do informante foi esta :

«8o — Constava-me que Camara Canto e o dr. Lafayette eram amigos intimos, e segundo informações de Camara, havia contacto permanente entre elles. Dizia egualmente Camara que tinha conferencias frequentes com o sr. Ministro das Relações Exteriores, ou no Ministerio, ou na residencia particular».

Na sua exposição, Ruffier trata do caso das propinas, mas os syndicantes não o levantam perante elle e deixam em silencio *os factos analysados* a que se refeiro, sem esclarecel-os, o depoente. Desse modo, depois de ter acolhido e creado facilidades á accusação, o inquerito, inepto ou perfido, não examinou cousas que poderiam destruil-a.

Em relação á conducta dos syndicantes sobre a exposição e os quesitos apresentados ao sr. M. A. Rodrigues, considerações identicas podem ser feitas. O interrogatorio escripto do sr. Oscar Rosas tem, como veremos, uma significação surprehendente e esmagadora.

As suspeições oriundas do modo de ser guiado o inquerito não foram desfeitas e ficaram autorisadas por insinuações e accusações.

Comparem-se estes termos, deixados sem o conveniente exame, da exposição do sr. Rodrigues :

«... el Señor Bachini emprendio viaje a Rio, pero despues de dós o tres dias de estar em Rio, me avisó que *el negocio era impossible, debido a la resistencia del Señor Presidente de la Republica...*»

«... en toda forma me daba a entender, tanto el Señor Camara Canto como el Señor Bachini, que *el negocio era dirigido por el Ministerio de Relaciones Exteriores...*»

«Se esperaba entonces que en la proxima reunion del Gabinete *el Doctor Lauro Muller habiaria con el Señor Presidente* para resolver.

«Llego la reunion del Gabinete — resultó que se enfermó el Doctor Lauro Muller, y el Señor Presidente postergó el assumpto por la seguiente reunion, cuando estaria presente el Doctor Lauro.

«Con estas desculpas llego el mes de Octubre, y me dijo que *el Doctor Lauro Muller, desconfiando que el Señor Presidente desconfiado de él*, no queria hacer presión directamente y lo indicó la conveniencia de ver al Doctor Cincinato Braga para influir con el Señor Presidente dar la orden de entrega...»

«... di un antecipo de £ 25:000, valor que, segun affirmacion de aquel Señor, *fue remetido a esta Cancilleria*, como garantia de la ejecucion del contracto...»

Assim, o inquerito recolhe declarações de que o Presidente é contra a negociata e que o Ministro do Exterior a patrocina, constata que este concedeu uma entrevista a Camara Canto e que se tractou de armamentos, nessa entrevista, mas não chega á conclusão alguma, estacando nesses perigosos pontos.

Os desmentidos oppostos pelo Sr. Camara Canto ás palavras dos Srs. Ruffier e Rodrigues não têm valor, pois justamente uma das cousas que o inquerito consegue provar, é a contradicção entre as asseverações do Sr. Camara Canto, dizendo que o Governo não queria o negocio, e os seus actos, procurando realisal-o, autorisado por outros, com uma sinceridade que impressionava os negocistas.

Não se deve esquecer que o Sr. Ruffier attribue a ausencia de Camara Canto, na hora do fracasso do negocio, á circumstancia de estar *premido* «pelas responsabilidades que assumira para comnosco (os negocistas) *ou pelas imposições das pessôas poderosas que o commissionaram.*»

E' conveniente lembrar que em sua exposição, o Sr. Rodrigues fala da existencia, em poder de Camara Canto, de cartas que poderiam comprometter o Ministro do Exterior, diz que ellas eram conhecidas do Dr. Theodoro de Carvalho e assegura: «*Si no los han destruido para salvar á un amigo, esos documentos existen.*»

Este interessante aspecto da questão não mereceu os cuidados curiosos dos syndicantes...

No fim do inquerito, numa das peças delle, o Ministro das Relações Exteriores é rebaixado á cathegoria infima de réo. Numa syndicancia feita sobre as suas vistas, não estando o Sr. Lauro suspenso da sua funcção de Ministro, o seu conhecimento dos seus proprios actos é posto á margem, e acima da sua não ouvida palavra ministerial é collocado um particular a quem se fazem estas perguntas:

«1a

Se teve occasião de falar ao Senhor Ministro das Relações Exteriores a respeito do Senhor Camara Canto, em que data, em que termos, e por que razão falou.

2a

Se o Senhor Camara Canto lhe communicou a conversa que teve com o Ministro, bem como a impressão que trouxera dessa entrevista.»

Estas foram as incriveis perguntas feitas ao Sr. Oscar Rosas sobre actos e palavras de um cidadão investido das altas dignidades de Ministro da Republica.

Se o inquerito teve outro fim que não o de crear um ambiente de suspeição em torno do general Ministro do Exterior, não o sabe quem não possue o milagroso dom devinatorio.

A commissão de inquerito não descobrio, nem procurou descobrir, as pessoas poderosas que commissionaram Camara Canto; não apurou, nem tratou de apurar, o destino dado ás £ 25:000 entregues á Camara Canto, que disse tel-as remettido á nossa Chancellaria.

Se este vicioso inquerito mandado abrir e publicar pelo Presidente Wenceslau Braz não é o parto monstruoso de um cerebro de macaco, é indubitavel que alguem, dentro do Itamaraty, com a complacencia do Presidente da Republica, move surda guerra desleal ao titular da pasta dos negocios extrangeiros.

Esses papeis confeccionados com extranha habilidade diabolica estão endereçados ao futuro. Se o Dr. Lauro Muller vier a ser candidato á presidencia da Republica, ver-se-á, ao toque de seus inimigos, que cheiro se evola das entrelinhas desses documentos.

O Presidente da Republica, se é capaz de presar a honra de outro homem, e não se acompadrou com os demolidores de seu Ministro, deve mandar retirar a pedra posta sobre esse imperfeito inquerito, afim de que elle se renove e complete fora do Itamaraty.

E' indispensavel saber nas mãos de quem ficaram as 25:000 libras recebidas em nome da Chancellaria brazileira, é necessario que o Sr. Theodoro de Carvalho esclareça a natureza dos documentos invocados contra o Ministro das Relações Exteriores, é preciso que o Sr. Gastão da Cunha diga o que conversou com o diplomata boliviano incumbido de agenciar o negocio das armas, e enfim, é justo que se ouça o Dr. Lauro Muller.

As mulheres são a futilidade e como as mulheres são a melhor cousa do mundo, segue-se que o mais bello dom da vida é a futilidade.

Grandes arvores e pequenas mulheres constituem o encanto dos nossos jardins, e arvores e mulheres dão sombra, mas a das arvores, que são grandes, cobre um pequeno espaço de terra, e a das mulheres, que são pequenas, cobre o grande espaço da vida.

INSTANTANEOS

A natureza, auxiliada pelo homem, podia requintar ao mais alto grão as maravilhas vegetaes e artisticas dos grandes parques. Taes maravilhas seriam monotonas como o Sahara si a graça feminina não lhes desse o seu magico feitiço.

A primeira colherada

Joãozinho adoeceu e veiu o medico que receitou uma poção de gosto desagradavel. Joãozinho sempre fez duvida para tomar remedios e recusava ingerir o medicamento.

Depois de muita insistencia resolveu provar a poção, mas lançou logo fóra remedio, colher e tudo, fazendo mil caretas.

Ameaças não serviam de nada. A mãi resolveu recorrer ás caricias.

— Vamos, meu filhinho, tome para você sarar.

— Não posso, mamãi, é muito ruim.

— Tome que eu lhe dou uma pratinha.

— De quanto ?

— De dez tostões.

— Dá mesmo ?

— Dou. Já disse que dou.

— Pois então dê cá o remedio.

Veio nova colherada que o menino provou e arremessou longe, cuspindo e contraindo o rosto. No entanto elle estava com evidente vontade de ganhar a pratinha. A mãi procurou animal-o.

— Vamos, meu anjinho, tome. Só a primeira colherada é que é ruim. A segunda já não tem mão gosto e se toma com facilidade.

— Pois então mãesinha, disse o pequeno, vamos começar pela segunda.

X.

Dois «industriaes» encontam-se em uma taverna :

— Olá, tens uma linda «chatelaine», diz um.

— E o relogio, que dizes d'elle ?

— Soberbo ! Qual o preço ?

— Não sei... o joalheiro estava dormindo...

A guerra, julgada pelos grandes escriptores

X

A fome instruiu os barbaros na pratica de matar, impelliu-os ás guerras, ás invasões. Os povos civilizados são como cães de caça. Um instincto corrompido excita-os a destruir sem proveito nem razão.

A explicação absurda das guerras modernas chama-se interesse dynastico, nacionalidade, equilibrio europeu, honra. Este ultimo motivo é, talvez, de todos o mais extravagante ; porque não ha povo no mundo que não esteja manchado por todos os crimes, e coberto por todas as vergonhas. Não ha nenhum que não tenha soffrido todas as humilhações que a fortuna seja capaz de infligir a um miseravel rebanho de homens. E si, todavia, ainda subsiste honra nos povos, que estranha maneira de sustental-a vem a ser essa de fazer a guerra, isto é, de commetter todos os crimes pelos quaes um particular se deshonra : incendio, rapina, violação, morte ! — ANATOLE FRANCE.

INSTANTANEOS

A' sahida da missa

A PEDIDO

ANNIBAL THEOPHILO

Do Padre Archibaldo Ribeiro (padre e doutor, consoante firmou o seu artigo de Aracajú) será breve a minha resposta ás calumnias estampadas na edição de hontem desta folha (*Jornal do Commercio* de 21 de Fevereiro). Amigo intimo de Annibal Theophilo, residi em sua companhia durante tres annos, aqui no Rio. O lar cuja atmosphera tive a honra de respirar abrigava, além da virtuosa Mãi do poeta assassinado, dous filhos do mesmo, Victorino e Elisa. O mais velho era interno de um dos collegios principaes desta cidade. Victorino frequentava as classes de outro estabelecimento de ensino. De Elizinha, que tinha 3 annos de edade, era professor em casa quem firma estas linhas. O Padre, portanto, MENTIU ao dizer que os filhos de Annibal Theophilo estavam ao desamparo. Digo-o em nome do que ha de sagrado na minha consciencia.

Se este sacerdote, que não vacilla quando profana tumulos, fosse digno da sua missão, não viria a publico transformar motivos de desventura domestica em razões de infamia pessoal.

Outro ponto merece exame no aviltante documento a que alludo. Abusando, provavelmente, de relações de acaso, o Padre Archibaldo calumnia o meu distincto amigo e eminente confrade Sr. Dr. Carlos de Laet. Não creio, absolutamente não creio, no que affirma o autor da pasquinada posthuma contra Annibal Theophilo.

O Sr. Dr. Carlos de Laet é incapaz de praticar actos indignos. A defesa da memoria de um dos meus melhores e mais queridos amigos (amigo morto) permitte-me, diante das calumnias do Padre Archibaldo, commetter uma indiscreção

Na Academia Brasileira de Lettras (penultima sessão de Novembro do anno de 1915) ouvi sem querer ao meu preclaro collega opiniões contrarias ás que lhe attribuio o sacerdote de Sergipe.

Não tive a iniciativa das referencias. Fallavamos de assumptos graves. Denunciara o Sr. Dr. Carlos de Laet, auxiliado por mim, a decadencia em que se despenha o Brasil. De subito, sem que eu o esperasse, com sorpresa minha, alludio ao covarde assassinio do *Jornal do Commercio*:

E ouvi de S. Ex. o seguinte:

« — *Que não visitava o assassino* (disse-lhe o nome) *pelo horror que lhe causára o crime*.»

Dezenove linhas escreveu o calumniador sobre o modo de ver do Sr. Dr. Carlos de Laet. Tudo é mentira, tudo é calumnia. Um homem do valor do Sr. Dr. Carlos de Laet não seria capaz de ter duas opiniões acerca do que occorreu á sahida daquella festa... Disto, tenho certeza e, se o Sr. Dr. Carlos de Laet hesitasse, um segundo que fosse, neste passo, augmentaria a minha decepção dos homens.

Lembro-me de todas as phrases do insigne professor.

A conclusão que tiro é que o Padre Archibaldo MENTIU e CALUMNIOU. Bem faria um religioso em evitar que se discutissem cinzas que repousam. Mas, ha defesas difficeis sem o tripudio sobre cadaveres...

ALCIDES MAYA

REGISTRO...

Quando, incitado pelo enthusiasmo dos grandes momentos, o populacho sahe á rua e, pelo canudo vocal dos infalliveis tribunos, despeja na praça publica os sons barbarescos da oratoria, rara é a occasião em que, reflectindo o senso politica da maioria, um ou outro grupo não se destaque da multidão para, imitando o garbo animalesco dos bucephalos patricios, arrastar pelas avenidas o pesado carro do festejado.

As eleições para senador pelo Districto Federal se approximam e não seria de extranhar que, rijamente presa ao habito, a multidão reproduzisse o velho systema, se uma circumstancia interessante não viesse comprometter para sempre o tal methodo...

O sr. Irineu, o das longas barbas furta-côr, corre os bairros excusos e visita os sitios de seus primeiros ensaios politicos, examinando as navalhas de seus eleitores e distribuindo escorvas ás garruchas dos noviços.

No largo de um desses bairros — Catumby ou Mangue — depois de préviamente preparado o pessoal, atulhava-se o povo a espera da barba polycôr do sr. Machado, emquanto os oradores limpavam as fundas guellas pelos botequins das cercanias, repetindo baixinho, aos mais intimos, os improvisos e citações que o homem das barbas multicôr lhes enviára na vespera.

De repente estoirou um brado que fez o asphalto tremer e a multidão explodir, como um obuz num paiól :

— Lá vem «elle» ! ! !

Houve um inicio de panico entre os manifestantes, por julgarem alguns que «elle» fosse o «Outro», mas percebendo que «elle» éra de facto o represente das muitas côres da barba esperada, a multidão agglomerou-se novamente, emquanto o primeiro orador desembaraçava-se do pigarro.

Do meio da massa, então, destacou-se um grupo mais exaltado e tomou a direcção do carro do sr. Irineu, tentando desatrelar-lhe os cavallos para collocarem-se em seu lugar...

O cocheiro, porém, agitando o chicote, começou a berrar como um possesso, ameaçando com elle os que mais se lhe approximavam.

— Deixa os rapazes, assoprou-lhe o sr. Machado, o das barbas russas.

Mas o cocheiro, pondo-se de pé na boléa, fitou com desdem a multidão e, estalando o chicote no lombo dos mais ousados, rugiu com a ferocidade de um oraculo :

— Nunca !... Jamais consentirei que me desmoralisem os animaes ..

Dégas

GENEROSIDADE

Um individuo aluga um quarto, e se passam muitos mezes sem que ele possa pagar o aluguel. O senhorio, verificando que o atrazo não era por falta de vontade, mas por falta de dinheiro, disse-lhe :

— Olhe, você procure meio de me pagar o que deve. Para lhe mostrar que sou generoso, eu esqueço a metade da divida.

— Muito agradecido ! volveu o inquilino satisfeito. Para não ficar atrás, eu esqueço a outra metade.

Um rendez-voz

"Espero-te no cinema Odeon. Não vás, porém, de chapéo..."

INSTANTANEOS

A' sahida da missa

A PEDIDO

ANNIBAL THEOPHILO

Do Padre Archibaldo Ribeiro (padre e doutor, consoante firmou o seu artigo de Aracajú) será breve a minha resposta ás calumnias estampadas na edição de hontem desta folha (*Jornal do Commercio* de 21 de Fevereiro). Amigo intimo de Annibal Theophilo, residi em sua companhia durante tres annos, aqui no Rio. O lar cuja atmosphera tive a honra de respirar abrigava, além da virtuosa Mãi do poeta assassinado, dous filhos do mesmo, Victorino e Elisa. O mais velho era interno de um dos collegios principaes desta cidade. Victorino frequentava as classes de outro estabelecimento de ensino. De Elizinha, que tinha 3 annos de edade, era professor em casa quem firma estas linhas. O Padre, portanto, MENTIU ao dizer que os filhos de Annibal Theophilo estavam ao desamparo. Digo-o em nome do que ha de sagrado na minha consciencia.

Se este sacerdote, que não vacilla quando profana tumulos, fosse digno da sua missão, não viria a publico transformar motivos de desventura domestica em razões de infamia pessoal.

Outro ponto merece exame no aviltante documento a que alludo. Abusando, provavelmente, de relações de acaso, o Padre Archibaldo calumnia o meu distincto amigo e eminente confrade Sr. Dr. Carlos de Laet. Não creio, absolutamente não creio, no que affirma o autor da pasquinada posthuma contra Annibal Theophilo.

O Sr. Dr. Carlos de Laet é incapaz de praticar actos indignos. A defesa da memoria de um dos meus melhores e mais queridos amigos (amigo morto) permitte-me, diante das calumnias do Padre Archibaldo, commetter uma indiscreção

Na Academia Brasileira de Lettras (penultima sessão de Novembro do anno de 1915) ouvi sem querer ao meu preclaro collega opiniões contrarias ás que lhe attribuio o sacerdote de Sergipe.

Não tive a iniciativa das referencias. Fallavamos de assumptos graves. Denunciara o Sr. Dr. Carlos de Laet, auxiliado por mim, a decadencia em que se despenha o Brasil. De subito, sem que eu o esperasse, com sorpresa minha, alludio ao covarde assassinio do *Jornal do Commercio*:

E ouvi de S. Ex. o seguinte:

« — *Que não visitava o assassino* (disse-lhe o nome) *pelo horror que lhe causára o crime.*»

Dezenove linhas escreveu o calumniador sobre o modo de ver do Sr. Dr. Carlos de Laet. Tudo é mentira, tudo é calumnia. Um homem do valor do Sr. Dr. Carlos de Laet não seria capaz de ter duas opiniões acerca do que occorreu á sahida daquella festa... Disto, tenho certeza e, se o Sr. Dr. Carlos de Laet hesitasse, um segundo que fosse, neste passo, augmentaria a minha decepção dos homens.

Lembro-me de todas as phrases do insigne professor.

A conclusão que tiro é que o Padre Archibaldo MENTIU e CALUMNIOU. Bem faria um religioso em evitar que se discutissem cinzas que repousam. Mas, ha defesas difficeis sem o tripudio sobre cadaveres...

ALCIDES MAYA

REGISTRO...

Quando, incitado pelo enthusiasmo dos grandes momentos, o populacho sahe á rua e, pelo canudo vocal dos infalliveis tribunos, despeja na praça publica os sons barbarescos da oratoria, rara é a occasião em que, reflectindo o senso politica da maioria, um ou outro grupo não se destaque da multidão para, imitando o garbo animalesco dos bucephalos patricios, arrastar pelas avenidas o pesado carro do festejado.

As eleições para senador pelo Districto Federal se approximam e não seria de extranhar que, rijamente presa ao habito, a multidão reproduzisse o velho systema, se uma circumstancia interessante não viesse comprometter para sempre o tal methodo...

O sr. Irineu, o das longas barbas furta-côr, corre os bairros excusos e visita os sitios de seus primeiros ensaios politicos, examinando as navalhas de seus eleitores e distribuindo escorvas ás garruchas dos noviços.

No largo de um desses bairros — Catumby ou Mangue — depois de préviamente preparado o pessoal, atulhava-se o povo á espera da barba polycôr do sr. Machado, emquanto os oradores limpavam as fundas guelas pelos botequins das cercanias, repetindo baixinho, aos mais intimos, os improvisos e citações que o homem das barbas multicôr lhes enviára na vespera.

De repente estoirou um brado que fez o asphalto tremer e a multidão explodir, como um obuz num paiól:

— Lá vem «elle» ! ! !

Houve um inicio de panico entre os manifestantes, por julgarem alguns que «elle» fosse o «outro», mas percebendo que «elle» éra de facto o represente das muitas côres da barba esperada, a multidão agglomerou-se novamente, emquanto o primeiro orador desembaraçava-se do pigarro.

Do meio da massa, então, destacou-se um grupo mais exaltado e tomou a direcção do carro do sr. Irineu, tentando desatrelar-lhe os cavallos para collocarem-se em seu lugar...

O cocheiro, porém, agitando o chicote, começou a berrar como um possesso, ameaçando com elle os que mais se lhe approximavam.

— Deixa os rapazes, assoprou-lhe o sr. Machado, o das barbas russas.

Mas o cocheiro, pondo-se de pé na boléa, fitou com desdem a multidão e, estalando o chicote no lombo dos mais ousados, rugiu com a ferocidade de um oraculo:

— Nunca !... Jamais consentirei que me desmoralisem os animaes...

DÉGAS

GENEROSIDADE

Um individuo aluga um quarto, e se passam muitos mezes sem que ele possa pagar o aluguel. O senhorio, verificando que o atrazo não era por falta de vontade, mas por falta de dinheiro, disse-lhe:

— Olhe, você procure meio de me pagar o que deve. Para lhe mostrar que sou generoso, eu esqueço a metade da divida.

— Muito agradecido ! volveu o inquilino satisfeito. Para não ficar atrás, eu esqueço a outra metade.

Um rendez-vous

"Espero-te no cinema Odeon. Não vás, porém, de chapéo..."

INSTANTANEOS

A' sahida da missa

A PEDIDO

ANNIBAL THEOPHILO

Do Padre Archibaldo Ribeiro (padre e doutor, consoante firmou o seu artigo de Aracajú) será breve a minha resposta ás calumnias estampadas na edição de hontem desta folha (*Jornal do Commercio* de 21 de Fevereiro). Amigo intimo de Annibal Theophilo, residi em sua companhia durante tres annos, aqui no Rio. O lar cuja atmosphera tive a honra de respirar abrigava, além da virtuosa Mãi do poeta assassinado, dous filhos do mesmo, Victorino e Elisa. O mais velho era interno de um dos collegios principaes desta cidade. Victorino frequentava as classes de outro estabelecimento de ensino. De Elizinha, que tinha 3 annos de edade, era professor em casa quem firma estas linhas. O Padre, portanto, mentio ao dizer que os filhos de Annibal Theophilo estavam ao desamparo. Digo-o em nome do que ha de sagrado na minha consciencia.

Se este sacerdote, que não vacilla quando profana tumulos, fosse digno da sua missão, não viria a publico transformar motivos de desventura domestica em razões de infamia pessoal.

Outro ponto merece exame no aviltante documento a que alludo. Abusando, provavelmente, de relações de acaso, o Padre Archibaldo calumnia o meu distincto amigo e eminente confrade Sr. Dr. Carlos de Laet. Não creio, absolutamente não creio, no que affirma o autor da pasquinada posthuma contra Annibal Theophilo.

O Sr. Dr. Carlos de Laet é incapaz de praticar actos indignos. A defesa da memoria de um dos meus melhores e mais queridos amigos (amigo morto) permitte-me, diante das calumnias do Padre Archibaldo, commetter uma indiscreção

Na Academia Brasileira de Lettras (penultima sessão de Novembro do anno de 1915) ouvi sem querer ao meu preclaro collega opiniões contrarias ás que lhe attribuio o sacerdote de Sergipe.

Não tive a iniciativa das referencias. Fallavamos de assumptos graves. Denunciara o Sr. Dr. Carlos de Laet, auxiliado por mim, a decadencia em que se despenha o Brasil. De subito, sem que eu o esperasse, com sorpresa minha, alludio ao covarde assassinio do *Jornal do Commercio* :

E ouvi de S. Ex. o seguinte:

« — *Que não visitava o assassino* (disse-lhe o nome) *pelo horror que lhe causára o crime.*»

Dezenove linhas escreveu o calumniador sobre o modo de ver do Sr. Dr. Carlos de Laet. Tudo é mentira, tudo é calumnia. Um homem do valor do Sr. Dr. Carlos de Laet não seria capaz de ter duas opiniões acerca do que occorreu á sahida daquella festa... Disto, tenho certeza e, se o Sr. Dr. Carlos de Laet hesitasse, um segundo que fosse, neste passo, augmentaria a minha decepção dos homens.

Lembro-me de todas as phrases do insigne professor.

A conclusão que tiro é que o Padre Archibaldo MENTIO e CALUMNIOU. Bem faria um religioso em evitar que se discutissem cinzas que repousam. Mas, ha defesas difficeis sem o tripudio sobre cadaveres...

ALCIDES MAYA

REGISTRO...

Quando, incitado pelo enthusiasmo dos grandes momentos, o populacho sahe á rua e, pelo canudo vocal dos infalliveis tribunos, despeja na praça publica os sons barbarescos da oratoria, rara é a occasião em que, reflectindo o senso politica da maioria, um ou outro grupo não se destaque da multidão para, imitando o garbo animalesco dos bucephalos patricios, arrastar pelas avenidas o pesado carro do festejado.

As eleições para senador pelo Districto Federal se approximam e não seria de extranhar que, rijamente presa ao habito, a multidão reproduzisse o velho systema, se uma circumstancia interessante não viesse comprometter para sempre o tal methodo...

O sr. Irineu, o das longas barbas furta-côr, corre os bairros excusos e visita os sitios de seus primeiros ensaios politicos, examinando as navalhas de seus eleitores e distribuindo escorvas ás garruchas dos noviços.

No largo de um desses bairros — Catumby ou Mangue — depois de préviamente preparado o pessoal, atulhava-se o povo a espera da barba polycôr do sr. Machado, emquanto os oradores limpavam as fundas guelas pelos botequins das cercanias, repetindo baixinho, aos mais intimos, os improvisos e citações que o homem das barbas multicôr lhes enviára na vespera.

De repente estoirou um brado que fez o asphalto tremer e a multidão explodir, como um obuz num paiól:

— Lá vem «elle» !!!

Houve um inicio de panico entre os manifestantes, por julgarem alguns que «elle» fosse o «outro», mas percebendo que «elle» éra de facto o represente das muitas côres da barba esperada, a multidão agglomerou-se novamente, emquanto o primeiro orador desembaraçava-se do pigarro.

Do meio da massa, então, destacou-se um grupo mais exaltado e tomou a direcção do carro do sr. Irineu, tentando desatrelar-lhe os cavallos para collocarem-se em seu lugar...

O cocheiro, porém, agitando o chicote, começou a berrar como um possesso, ameaçando com elle os que mais se lhe approximavam.

— Deixa os rapazes, assoprou-lhe o sr. Machado, o das barbas russas.

Mas o cocheiro, pondo-se de pé na boléa, fitou com desdem a multidão e, estalando o chicote no lombo dos mais ousados, rugiu com a ferocidade de um oraculo :

— Nunca !... Jamais consentirei que me desmoralisem os animaes...

DÉGAS

GENEROSIDADE

Um individuo aluga um quarto, e se passam muitos mezes sem que ele possa pagar o aluguel. O senhorio, verificando que o atrazo não era por falta de vontade, mas por falta de dinheiro, disse-lhe :

— Olhe, você procure meio de me pagar o que deve. Para lhe mostrar que sou generoso, eu esqueço a metade da divida.

— Muito agradecido ! volveu o inquilino satisfeito. Para não ficar atrás, eu esqueço a outra metade.

Um rendez-vez

"Espero-te no cinema Odeon. Não vás, porém, de chapéo..."

ARCHIVO UNIVERSAL

O SORRISO DE RHEIMS. — Constou ha poucos mezes que um millionario americano tinha comprado o famoso «sorriso de Rheims». Deu-se credito a esse boato porque a sorridente face em questão fôra arrancada do seu lugar nos hombros do Anjo do Cortejo de S. Nicacio, da Cathedral de Rheims. O ministerio francez das Bellas Artes mandou então abrir um inquerito sobre o caso, apurando-se o seguinte:

A estatua chamada «o sorriso de Rheims» é, ou antes, era um ornamento da porta septentrional da fachada principal do edificio.

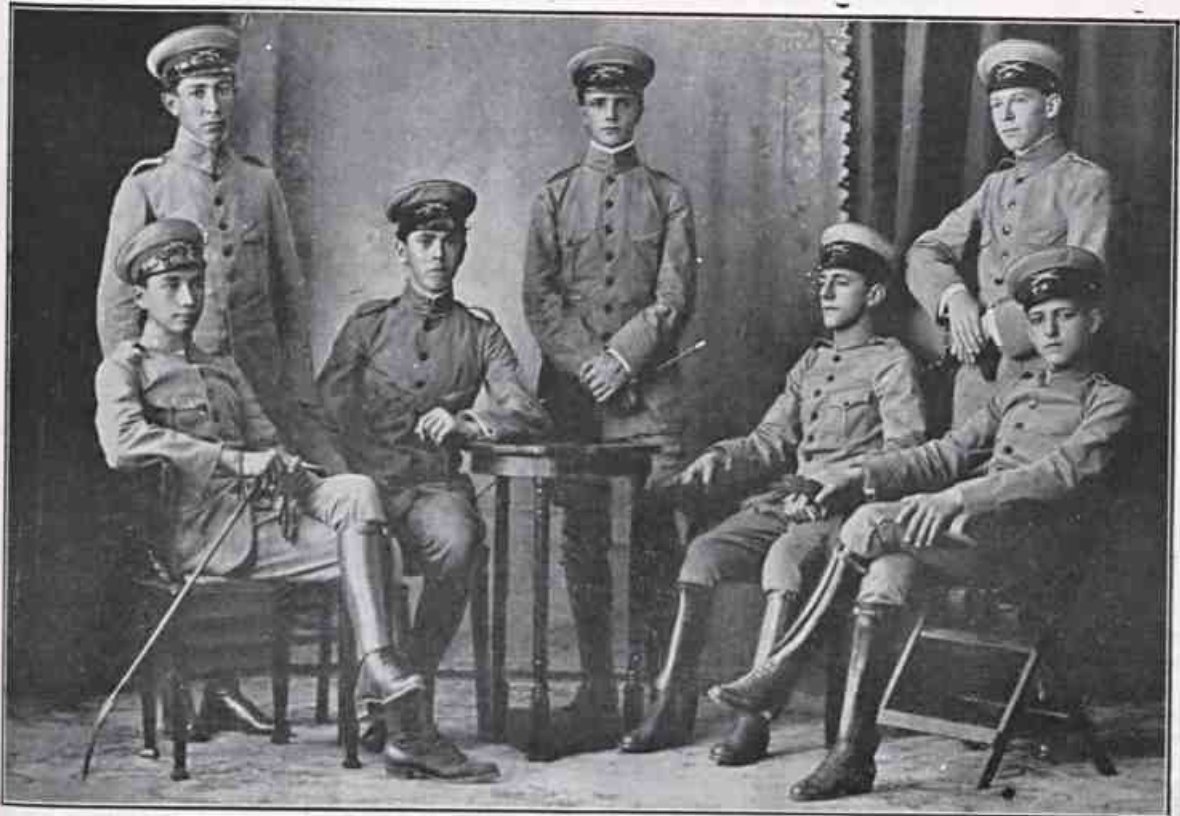
Com o bombardeio feito pelos allemães, a cabeça foi quebrada e desappareceu, sendo ainda a estatua muito estragada pelos outros canhoneios, entre 19 e 30 de setembro do anno passado. A celebre cabeça foi, porém, agora encontrada na adéga do Palacio Archiepiscopal, desmoronado pelas balas, partida porém em quatro pedaços. Mas felizmente, o «sorriso de Rheims» póde ser reconstruido, porque no Museu do Trocadero, existem dois modelos exactos do original: um da figura completa, e outra da cabeça.

* * *

400.000 PULGAS. — Quatrocentas mil pulgas foram, em certa occasião, submettidas a um processo de electricidade com que o professor Thome Backer procurava saber si, sua influencia, os perniciosos insectos desenvolviam vantajosamente. As pulgas foram collocadas dentro de um recipiente circumdado de fios de cobre isolados, por entre os quaes passava uma corrente electrica de alta pressão. Por esse processo as pulgas ficaram de tal modo electrizadas que do choque de uma com outra nasciam chispas. Após cinco semanas de vida, os terriveis sugadores de sangue tinham um peso igual ao que têm normalmente aos tres mezes de vida e a sua mortalidade era inferior em cincoenta por cento.

O professor Backer explica esse resultado com o facto de que a corrente electrica favorece e excita a circulação do sangue, porque diminue a viscosidade deste, e dahi deriva uma proficuidade maior da

O enthusiasmo militar no Paraná

Alumnos do curso de Engenharia, equipados

Grupo de alumnos em uniforme de passeio

O exemplo mais frisante da resurreição do espirito militar vem-nos da bella e culta Curitiba, capital do Paraná.

A propaganda de Bilac, iniciada com o celebre discurso de S. Paulo, continua a produzir excellentes fructos. Em diversas cidades do Brazil fundam-se novas linhas de tiro e militarizam-se collegios e academias.

As nossas photographias representam um grupo de alumnos da Universidade do Paraná com o uniforme adoptado pelo batalhão escolar, e um outro com o seu completo equipamento de guerra.

---

funcção digestiva. Si algum leitor da *Careta* tem interesse em... cultivar pulgas, ahi está um explendido subsidio.

* * *

O PAIZ DOS VULCÕES. — Nas numerosas ilhas que compõem o poderoso imperio do Japão, 165 vulcões derramam, a pequenos intervallos de tempo, o terror e a morte. Entre as frequentes erupções do archipelago nipponico, muitas passaram á historia pelo grande numero de victimas que fizeram e pelos consideraveis damnos que provocaram. Em 1782, o Asama lançou tão grande quantidade de lavas que innumeraveis aldeias foram destruidas, numa distancia de 26 kilometros. Mais recentemente, em 1912, a erupção do Oshima, na bahia de Tokio, obrigou grande parte da população da capital e os habitantes das povoações visinhas a fugir espavoridos.

A mais terrivel e espantosa erupção foi, porém, a dos vulcões das ilhas de Sakurashima, ha pouco mais de um anno. O flanco de uma das crateras abriu-se em varios pontos, lançando enormes blócos de pedra incandescentes a mais de mil metros de altura.

Essa espantosa erupção destruiu cerca de tres mil casas, produzindo nada menos de cem mil victimas.

As extravagancias da moda

Bizarra, inconstante e variavel como a moda feminina... só mesmo a moda feminina.

Nesta epoca de vestidos curtos, em que os pés mimosos e delicados attrahem tanto a attenção, está sendo lançada em Pariz a moda dos *bouquets* nos tornozellos.

As damas parizienses estão usando, num tornozello ou nos dois (conforme o gosto particular de cada uma) vistosos ramalhetes de flores, cujas côres se harmonizam com a do vestido.

Os *bouquets* são presos ao redor da perna por uma banda de filagranna ou por uma fitinha estreita.

CONVERSA MATINAL

— Ha, na vibração desta luz que não queima, a volupia de afagos que vitalisam...

— Sim, são de ouro, são fulvas horas de gloria, estas cariciosas horas matinaes de Petropolis. Os ares estão cheios de perfumes e as ruas palpitam cheias de mulheres.

— Em verdade, as saias enchem as ruas. Aqui, contrariando os nossos habitos cariocas, sahimos a respirar, sob o sol, o ar salutifero das manhãs. Mas olhe, meu amigo. Veja, naquella varanda columnatada, em frente á estação, aquelle formoso vulto de mulher.

— Parece uma extrangeira.

— Empolga, embora impassivel, com essa loira cabeça classica alevantada sobre o firme busto vestido de verde.

— Assim, é comparavel a uma branca deusa de marmore serenamente erguida sobre um pedestal festonado de heras.

— Não cheguemos á mythologia e deixemos a esculptura. Ha tanta cousa interessante fóra da arte. Não lhe parece encantadora a senhora que surge de chapéo, na varanda, ao flanco da deusa toucada de heras ?

— E' uma das intelligentes damas cujo espirito delicia as graciosas rodas do mundanismo intellectual.

— E' uma dama de muito espirito, mas é como certas revistas gaiatas : — reproduz pilherias de almanach.

— As pilherias sempre divertem e são excellente terapeutica em certos casos de affecções sentimentaes.

— Quer applical-as á doente que se avisinha ?

— Doente, esta senhorita ! ?

— Não sabe ? E' impossivel que não saiba ! E' um caso doloroso e piegas de intoxicação romantica : — uma paixão feroz por um homem casado.

— Que desgraça !

— Desgraça haveria na hypothese de ser elle um desalmado que se abaluartasse na intransigencia dos deveres conjugaes. A esposa, se chega a conhecer o caso, talvez não se repute feliz.

— Naturalmente.

— Naturalmente, não. Si ha tanto marido resignado, tambem póde haver uma esposa tolerante.

— Voltemos á mythologia. Fujamos para a Arte.

— Fiquemos na vida. Olhe, neste momento, a vida palpita na radiosa alegria deste casal maduro. Sabe ? Madame foi victima de uma perfidia ignobil...

— De que sexo ?

— Masculina. Perfidia de photographo.

— Conte-me isso.

— Em certos dias, no Rio, o calor é asphixiante. Num desses dias, indo ao Rio, Madame appareceu nas ruas com um claro vestido vernal de fina transparencia indiscreta, que lhe trahia a pureza esculptural das formas. Surprehendeu-a, deslumbrado, um photographo, e algum tempo depois, abrindo um jornal, Madame deparou com o nitido retrato de suas lindas pernas.

— Não vejo a perfidia...

— Oh ! Não vê a perfidia ? Pois uma senhora, por elegancia e calor, apparece em publico semi-nua e é escandalosamente retratada, e o meu amigo não vê a perfidia do photographo ?

— Esta opinião é paradoxal.

— Madame, meu caro Senhor, fingia desconhecer a gostosa transparencia de suas rendadas vestes. O honrado dever do photographo era apreciar a convidativa revellação do tecido transparente, sem praticar um acto com que desmanchasse o consciente engano de Madame.

— Faz bem em defender, contra a vulgarisadora perfidia photographica, a recatada virtude de Madame, porque Madame, sendo bella e rica, é admirada com inveja aggressiva.

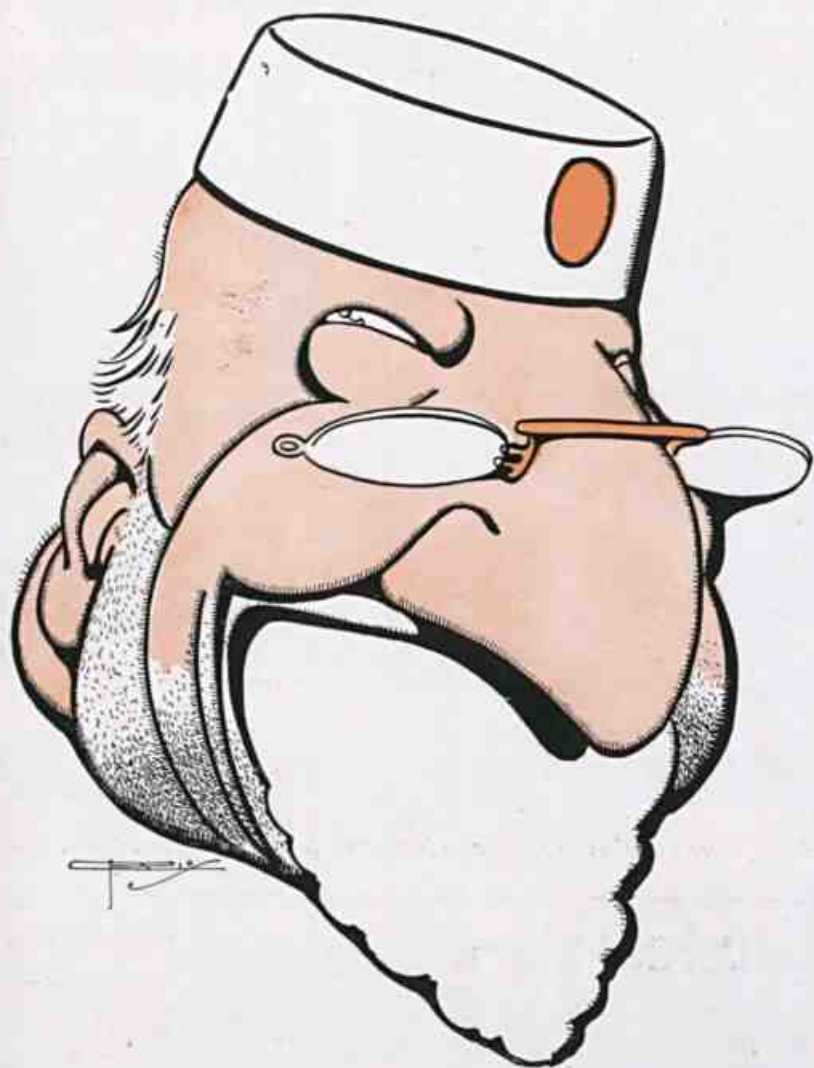
— Acontece-lhe o mesmo que á guapa amazonas com quem ella agora conversa. Quando, ao fulgor destas frescas manhãs doiradas, essa guapa amazonas, com o seu nobre costume sarapintado, ao sacudido trote de um arquejante esqueleto de cavallo, irrompe, airosa, pelas nossas extensas avenidas, a desregrada admiração enche de alacres risos a bocca estridula da inveja.

— Consinta que faça uma observação : ainda não dissemos bem de pessôa alguma.

— E' natural. E' justo. Estamos em Petropolis.

— Ha excesso nesta ironia. Em Petropolis ha muita gente incapaz de articular um dito perverso... Nós não somos das peores pessôas...

— Sim, somos excellentes typos, mas... deixemos o nosso elogio para a tarde... Até á tarde.

LEAL DE SOUZA

Gregos e Troyanos

Este Ferdinando I, que é o Czar dos Bulgaros, já era antes da guerra actual Duque de Saxonia e Principe de Coburgo Gotha e será futuramente, se a Allemanha vencer, Sultão da Turquia, guarda costa de Francisco José e nobre vassallo do Kaiser. Mas se a victoria fôr dos Alliados, elle irá assoprar trobonne em qualquer ilha deserta da Africa, na concertina real que formarão principes e reis vencidos sob a batuta do Heróe da Prussia.

ATRAVEZ DA GUERRA

Prisioneiros feitos pelos Austriacos, entre os quaes se encontram Francezes, Indius e os chamados "Turcos"

As cidades de Verão

As cidades de verão estão cheias de cariocas.

Petropolis, com o seu ar encantado de fidalga cidade europea; Therezopolis, com a sua gloriosa fama de sanatorio incomparavel; Nova Friburgo, com o seu clima propicio á fundação de Collegios em cujo recinto o ex-deputado Pinto da Rocha possa descompor a quem tenha o arrojo de não pensar como elle; Caldas, com a sua importancia de terra mineira, Cambuquira, com a sua pacata serenidade; Caxambú, com a celebridade das suas aguas, e Mendes, com a sua visinhança das ondas da Guanabara, estão transformados em elegantes bairros do Rio de Janeiro.

A gente que mais contribuia para o esplendor mundano da vida carioca está ausente mas a vida carioca não se recente dessa ausencia, mesmo por que ella é um tanto ficticia, visto como não ha veranista que se prese que não venha quasi todos os dias ao Rio.

Em todas as cidades de verão ha chronistas da imprensa carioca e, talvez por causa das chronicas delles, quem não saio do Rio não consegue saber se vale a pena sahir, ou se convem atravessar nesta fornalha, que por signal é muito agradavel, os quentes mezes de calor.

Deliberei, pois, abrir um inquerito, para saber das excellencias da vida nas cidades de verão, mas um inquerito serio, um inquerito, por consequencia, feito fóra do logar da acção.

Quem, fóra da Redacção da *Careta*, cujo representante em Petropolis tem, sobre essa cidade, uma opinião definitiva que se transforma todas as semanas — poderia dar-me informes sobre Petropolis? Fui ao illustre humorista Bastos Tigre, e o illustre humorista, com um notavel máo *humor*, disse-me:

— Petropolis não é uma *blague*, é um conto do vigario. Quando não está quente como Botafogo, está frio como a Russia.

— Então Petropolis não está melhor do que o Rio?

O humorista deu um grande brado:

— Qual melhor do que o Rio! O Rio é que é uma cidade vigarista. Pensava-se que fosse fazer aqui um calor de queimar miolos e temos uma temperatura de paraizo em tempo de primavera. Palavra que quando penso que estou em Petropolis e que no Rio faz este maravilhoso tempo, tenho vontade de atacar fogo no Rio.

Queriamos saber de Theresopolis e fomos procurar o Sr. Sebastião Sampaio, para que nos désse as informações de que não queira assumir a autoria.

— Theresopolis, meu amigo, excellente!

— Acha, então, que vale a penna passar o verão alli?

O fino prosador mundano teve um grito de sinceridade:

— Não caia nessa!

— Como? Porque?

— Porque o Rio está delicioso, meu amigo.

Risonho, o homem encantador desappareceu, e das suas phrases tirei a conclusão de que o Rio está melhor do que Theresopolis.

Ao eminente deputado Pedro Moacyr, que chegou de Friburgo, abordei sobre esta fresca localidade. O tribuno, despreoccupado, informou :

— E' um lugar muito bom para se respirar com tranquillidade, por algumas horas.

— Está melhor do que o Rio ?

— Tem, sobre o Rio, a vantagem unica do bucolismo, tão grato á oratoria lyrica do insigne trovador coimbrão, o Dr. Pinto da Rocha.

Como não sou bucolista, nem mesmo em discursos politicos de oradores lyricos, conclui que, sendo o bucolismo a vantagem unica de Friburgo sobre o Rio, o Rio, que tem, nos seus suburbios, cincoenta Friburgos, está melhor do que Friburgo.

Ao deputado Joaquim de Salles, que é um sabe-tudo mineiro, interpellei sobre Caldas. Informou-me elle :

— Caldas está peor do que Petropolis, mas muito peor. Caldas é em Minas e para que o Antonio Carlos deixe de veranear em terra mineira para veranear em Petropolis, é preciso que Minas esteja insuportavel.

— Mas as outras cidades mineiras ?

— Tudo pelo mesmo conseguinte, como dizem os meus patricios.

— E você não veraneia ?

— Eu tenho deveres para com o povo mineiro, de quem não sou representante nos obscuros logarejos de Minas, mas aqui. O meu posto é no Rio de Janeiro, onde faz um calor de mentira.

Assim, pois, Cambuquira, Caxambú e Caldas estão peores do que o nosso bom Rio de Janeiro.

E Mendes ?

Um discreto hospede do Hotel Santa Rita, hospede cujo nome, a seu pedido, calo, disse-me :

— Mendes é o peor suburbio do Rio. E' o unico em que faz calor. No meu hotel ha tanta quentura, que estou magro de comer mal.

Depois de ter feito este suculento inquerito, fiquei de queixo cahido. O Rio de Janeiro, tem as frescas altitudes do Alto da Bôa Vista, do Corcovado, e de Santa Thereza, tem as arejadas praias do Leme e de Ypanema ; tem uma temperatura amena e ha quem o deixe para se alapardar em cidadesinhas de vaidade sem conforto.

Se o Rio está melhor do que as cidades de verão por que tanta gente, com tanto sacrificio, sae do Rio e penosamente vae para as serras distantes ou para os longiquos buracos em que correm aguas medicinaes que a ninguem fazem bem ? !

Ha muita gente maluca, entre a gente de juizo !

P. P.

A INDUSTRIA DO FERRO NO BRASIL

Lançamento da pedra fundamental da usina da Companhia Siderurgica Brasileira, na ponte do Quilombo — Ilha do Governador

NO TRIANON

Duque e Gaby na valsa do beijo

VISÕES DA ÉPOCHA

Escolhendo a mais calma hora da noite para o recreio salutar dos sonhos de arte, esperei serenamente que o silencio adormecesse a gente do bairro e abri os contos de Mark Twain.

O meu espirito impertinente, accessivel a todas os emoções como um libertino aos toxicos mais funestos, esquivava-se de seguir o curso das historias lidas, quando bateram á porta, detendo-o na espectativa do imprevisto.

Um jovem companheiro iniciado agora em campanhas liberaes, amaldiçoando homens e deuses, entrou e sentou-se em minha frente, murmurando-me entre dentes:

— A minha maxima vingança, quando a ociosidade me faz subir as diabolicas escadarias desta casa, é obrigar-te a falar de politica.

Sorri ante a inoffensiva vingança do amigo e apenas repliquei-lhe, desviando-me de seu intuito:

— A vida é uma infatigavel perseguição ao ideal através das decepções da realidade...

Elle ouviu-me com um sorriso escarninho nos labios e, como se nenhuma impressão lhe causassem as minhas phrases, poz-se a folhear machinalmente os contos de Twain, emquanto ia illustrando a chronica da actualidade com Lucrecia Borgia, Heliogabalo e os Cezares romanos...

Deixei-o falar livremente, abrir tumulos gregos para tirar delles heróes indigenas e fechar sarcophagos patricios para melhor prender os caudilhos do Pampa entre Néro e os capadocios da Saúde.

Percebendo a minha impassibilidade, elle deteve-se um instante e após, tentando ferir-me em cheio, exclamou:

— Os positivistas do Sul, das tuas pretenciosas coxilhas, amoldando-se ao artificialismo moderno procuram guardar o esquife da Republica nas cinzas profanadas de Augusto Comte e, julgando-a bem segura, esquecem-lhe o culto devido para melhor e mais facilmente empregarem a actividade politica nas praticas amorosas de Clotilde de Vaux.

E para melhor ridicularisar o meu Estado, o tabaréo rebelde, o unico talvez de sua geração, citava escandalos e descrevia os bonifrates da bancada borgista.

Quando comprehendi que o rapaz desfallecia aos sons cantantes das proprias palavras, depois de haver gasto mais energia na eloquencia do que seus patricios todos em bravura, tive profunda pena e commentei:

— O sr. Presidente da Republica, quando ouve as prédicas de qualquer positivista gaúcho, fica sem-

pre convencido de que a seita que domina o Pampa é composta de uma pleiade reluzente de homens incorruptiveis.

— De quem é essa reportagem? consaguiu perguntar o meu joven amigo.

— Dos factos. O sr. Presidente sabe que o actual governador do Rio Grande não foi eleito e sim nomeado, mas ouve os seus representantes aqui e fica mudo...

O meu amigo nada disse, mas eu insisti:

— Não é preciso, porém, dispor de um arguto espirito analytico para, acompanhando a vida politica do Rio Grande, chegar a conclusão infallivel de que todo o positivista gaúcho, escapando da inculta grei caudilhesca, esconde-se nos preconceitos theoricos do positivismo para malhor explorar praticamente os que o seguem.

— Por favor, gemeu o rapaz, não falemos mais de politica.

O sangue me affluira ao peito com violencia:

— O povo, a gente de minha terra odeia-os, porque pensa; e o operario como o bacharel estão unidos contra a seita infame pela tradição e pela ideia...

— A ideia, balbuciou elle, como se um phantasma lhe passasse ante os olhos.

— Quem primeiro pregou a doutrina salvadora foi Gaspar Martins...

— Onde está esse Santo? bradou o meu amigo, reanimando-se; e poz-se de pé.

— Esse Santo? Cumpre o seu martyrio, pois mesmo morto, tanta luz tinha o verbo do Mestre, que é preciso que os seus restos estejam sob o protectorado do pavilhão extrangeiro para que os situacionistas do Sul não lhe corram a profanar a campa... Esse Santo está exilado, dorme no coração do nobre povo uruguay....

Um doloroso sorriso, franzindo-lhe os labios, desvendou-me a imagem abatida da decepção emquanto o meu amigo estendia-me a mão balbuciando:

— Sempre que faço o sacrificio de subir as escadarias desta casa has de torturar-me com as visões trgicas da politica.

E foi-se, sem a minima noção de ter sido elle o morcêgo que viera sacudir a poeira das minhas sagradas ruinas.

GARCIA MARGIOCCO

O COSSACO

A Europa reppelliu-me. Vingo-me na Asia...

O nome da novela

Toda gente que escreve sabe que a dificuldade principal de um artigo, de um conto ou de uma novela não está no assumpto nem no seu desenvolvimento, mas no titulo.

Dizem que o rabo é o mais dificil de esfolar? Póde ser. Não duvido. Mas isto é no açougue e não nas letras. Terminar um escripto póde ser dificil. E é realmente. Mas aplicar-lhe o titulo é muito mais.

Por isso alguns escriptores tem o costume de pedir aos outros o titulo para os seus proprios escriptos.

Assim fez o joven autor de um romance em uma duzia de capitulos.

Um belo dia appareceu elle no gabinete de trabalho de um litterato de nome, e com as precauções da praxe foi entrando em assumpto até expôr o fim da sua visita. Queria que o colega lhe desse o titulo.

A ameaça de ler um romance manuscripto é cousa muito séria. Entretanto a victima não perdeu a calma e pondo um sorriso postiço no canto dos labios disse:

— Oh, pois não! Muito prazer. Estou certo que o seu romance é uma obra prima. Mas só por causa do titulo não é necessario retardar a publicação. Eu não posso lêl-o em menos de uma semana, e é pena retardar de sete dias a expectativa do publico e o prazer de conhecer a sua obra. Demais um titulo é cousa facil. Não é preciso ler a sua novela para lhe dar o nome adequado.

— Como!... fez o autor.

— Não ha nada mais simples. Diga-me uma cousa. O seu romance fala de algum pretor?

— De que?

— De algum pretor, juiz de pretoria.

— Não.

— Refere-se a algum padre?

— Tambem não. Mas que ligação tem isto com o meu livro?

— Evidente. O sr. lhe dará um nome muito bem escolhido se lhe dér este: «Sem Padre nem Pretor».

X.

As nossas praias

O banho em Copacabana

Dialogo no cáes:

— Você é do Minho?

— Não. Não sou.

— Pois então vamos patriciar.

— Porque?

— Porque eu tambem não sou do Minho.

A illusão do Felláh

Brilha em fogo o esplendor do deserto infinito
Na rude terra adusta onde o Felláh moureja;
Umbratil, resplandece a esphinge de granito,
E escalda, muda, ao sol, no saibro que dardeja.

Curvo e plumbeo, o horisonte africano flameja
E um turbilhão de luz accende o céo do Egypto;
Pelo ar que ondula em chamma, avermelhado, adeja,
As azas flabellando, Ibis, o alado mitho.

Como um vulcão refulge a gleba do deserto,
E aos olhos do Felláh que a vertigem deslumbra,
Vae penetrando, rubra, o firmamento aberto,

Surprehendente e feroz, o symbolo selvagem
Da esphinge collossal, fugindo na penumbra,
Saltando no fulgor da rapida miragem!

BARBOSA NETO

EVA

Aurora do primeiro dia.

Longe, da penumbra azul das vagas alvorava um dia rutilo.

Núa, na pompa triumphal de sua carne em flor, Eva adormecera a sombra suavissima das arvores, no paraiso.

Aos seus pés, sobre a relva humida, entre musgos e tojos a agua lustral jorrava.

Pairava no ar, sob a cupola dos plátanos frondosos, o aroma dos calices perfumeos das primeiras flôres.

Flavo o sol nascia; as cigarras cantavam; em bandos pelas franças altas os passaros chilreando ruflavam azas; tons violaceos pincelava o sol nas folhas rorejantes de orvalho.

Receiosa, temendo a maldicção de Deus, Eva occcultara-se alli, sob a fresca folhagem daquellas arvores e um cançaço morbido prostrou-a.

Subito, da orla espessa do bosque, na compleição barbara de forte, no braço herculeo a clava primitiva e o silex brunido, no amplo torso rijo a tunica de pelles, Adão surgiu na opulenta robustez de fera brava.

Ao vel-a assim dormindo ao som das aguas murmuras, Adão fitou-a no extase de um sonho rude.

Porém dormindo ella sorriu; e a agua, o sol, as flôres, as arvores, os ninhos, o bosque inteiro riu-se. Elle sentiu na alma rustica um assomo de odio e de revolta; aquelle riso vago dava-lhe uma tortura intima que o amargurava, que o tolhia.

E' que a ironia nasceu de um sorriso claro de Eva.

J. M. MOREIRA CARDOZO

Figuras e cousas de outras terras

HAURIGOT. — O litterato francez Georges Haurigot, recentemente fallecido em Pariz, nasceu em La Pointe-à-Pitre, ilha de Guadeloupe, nas Antilhas. Partindo muito joven para a França, começou seus estudos em uma instituição livre de Bagnères-de-Bigorre, continuando-os no Lyceu de Bordéos.

Terminado o curso de direito na capital franceza, em 1876, occupou, durante muitos annos, varios cargos publicos, deixando-os afim de entrar em 1886, para a casa Larousse, onde se entregou a trabalhos mais consentaneos com o seu talento e a sua vocação.

Este «creoulo» interessava-se vivamente pelas colonias francezas, e sua primeira obra, publicada em collaboração com Fernand Hue, tem por titulo: «Nos petites colonies: Saint-Pierre et Miquelon, la Côte d'Or, Obock, Mayotte, Nossi-Bé, Sainte-Marie-de-Madagascar».

Publicou em seguida, com o mesmo collaborador outras obras interessantes e de real valor sobre as colonias francezas.

Em fevereiro de 1888 partiu Georges Haurigot para a Guyana Franceza, onde exerceu as funcções de chefe do secretariado do governo. Durante a sua permanencia na Guyana publicou elle a curiosa obra intitulada: *Littérature orale de la Guyane française. Contes, devinettes, proverbes* (1893) preciosa para os amadores de folk-lore.

Regressando á França em maio de 1891, voltou a occupar o seu lugar na casa Larousse.

Além de fecundo e elegante escriptor de viagens, assumptos coloniaes e critica theatral, Haurigot era um poeta de merecimento. Em janeiro de 1915, com o corpo alquebrado pela molestia, com o espirito torturado pelo pensamento de seu filho assignalado como «desapparecido» no campo de batalha, elle invoca a sua progenitora que acaba de fallecer, avó do joven soldado, num soneto delicioso e commovente, de que transcrevemos o primeiro quartetto:

Par delà le seuil noir de l'angoissant mystère,
Retrouves-tu Pierrot, bien mort au champ d'honneur?...
Plus heureuse que nous, qui pleurons sur la terre,
Tu goûteras alors le suprême bonheur.

. . . .

Escriptor habil e elegante, dotado de um talento polyforme, Haurigot destacava-se por uma profunda modestia.

«Salvação»... a muque

— Volta para casa, vadío!

Podes encontrar a carrocinha da Prefeitura ou algum "ótomóve"...

J. dos Santos Guimarães & C.

Cartas de um Matuto

Comadre, Vancê conhece
A minha véia mania
Contra sorteios e rifa
E inté contra as lotaria.
Eu tenho tanta geriza
Dessas tá patifaria,
Que um dia já briguei sério
Co'a Sinhana, minha fia.

Deu-se o causo em Caxambú,
Onde eu levára a menina,
Muito doente do figo
E cada vez mais mofina.
Minhas despeza era enorme
Co'os hoté e as medicina;
Quando os fio tá doente
Não costumo sê sovina.

Mais tirantes os remedio
Eu não queria gastá
Nem uma pataca atôa,
Que os cobre custa a ganhá.
A fedêia da Sinhana
Não queria ansim pensá,
Promóde isso, muitas vez
Assuccedeu nós brigá.

Uma tarde eu tava triste,
Macambusio na jinella,
Lendo uma carta comprida
Que me escrevera a Biella.
Me mandava ella dizê
No pós de escripto: «A Castella,
Rollando por um barranco,
Quebrou os bôfe e a espinhélla».

Os meus óio enchero d'agua
E eu me puz a saluçá:
— «Uma vacca tão bonita
Como outra não haverá!
E o bão leite que ella dava!
(Oh! da gente se babá!)
Meu Deus, me leve tambem,
Já não posso mais pená!»

Quando eu queixava da sorte,
Entra a Sinhana, e me diz:
— «Parece, papae, que oncê
Poz vermeião no nariz.
Seus óio tá pareceno
As bica do chafariz,
Indas que pro mal progunte,
Que é que o faz tão infeliz?»

Contei a morte da vacca
Ahi mêmo á minha fia,
E ella dando uma risada
Excramou: «Virge Maria!
Chora ansim promóde um bicho,
Faze dessas gritaria!
Papae, deixa de bobage,
Arrepare esta radia!»

Era um biête enrollado
Que ella trazia na mão,
Tendo escripto em todos lado:
«Lotaria de São João».
«Quanto isto custou, Sinhana?»
Gritei com voz de trovão.
— «Córenta mil e quinhento
Na loje do Zé Gavião».

— «Com quinhentos mil diabo!
Eu gritei enfurecido,
Com essas loucura, menina,
Tou quebrado, tou fallido!
E despois que eu ficá pobre,
Um pobretão conhecido,
Vancê ficará pra tia,
Nunca encontrará marido!»

A Sinhana, que é uma furia,
Perde entonce as estribeira,
E me préga uma desfeita
De mulata cachaceira.
Rasga o biête pro meio
E faz delle uma fogueira;
Dou nella tal pescoção
Que lhe quebro a focinheira...

Lembro esse causo, comadre,
Pra porvá o odio que eu tinha
A quarqué especie de jogo
Lotaria ou vermeinha.
Pois, como dizia sempre
O vigario Zé Vidinha:
«Tres é as desgraça do mundo:
As muié, jogo e canninha.»

Mais porém, aqui na Côrte,
Fiquei um pouco mudado;
Meu protesto contra o jogo
Umas vez tenho quebrado.
Costumo arriscá no bicho
Uns tres ou quatro cruzado,
E, si perco, fico zonzo,
Muito triste e acabrunhado.

Entra vinte e cinco bicho
Nesse jogo de ladrão:
Aguia, burro, barboleta,
Avestruz, gato, leão;
Cachorro, cabra, carneiro,
Camello, cobra, pavão,
Coelho, cavallo, aliphante,
O tatú não entra não.

Os bicho que dá mais sorte
E' porco, urso e jacaré:
Macaco, veado, gallo
E vacca faz grande fé.
O perú, o touro e o tigre
Caipora tombém não é:
Quem me deu esses parpite
Foi o arferes Barnabé.

Trasantonte de menhã,
Me batendo a passarinha,
Fui á casa dum bicheiro
Pra fazê minha fesinha.
Botei dez tostão no touro,
Em uma centenazinha;
E vi que o patrão cheirava
A fedô de laranjinha.

O home tava monado
Co'os óio côr de baiêta.
O touro deu nessa tarde,
Mas não recebi nem cheta.
Quando mostrei ao «cachaça»
O num'ro da papeleta,
Elle abriu uma bocaça
E gritou alto: «Ora pêta!»

Ansim fiquei eu logrado
Sem tê pra quem appellá;
Não podia i á policia
Com medo de lá ficá...
Contei o causo occorrido
Nas redacção dos jorná
Era dá ás fóia assumpto
Pra despois me debochá.

Quá! Comadre, a nossa côrte
Tá se tornando impossive
Da gente aqui residi.
Cidade incomprehensive!
Não quero me arreferi
Aos preço dos comestive,
Emboras teja subindo
Duma maneira terrive.

Fallo das briga e conflicto
Da anarchia e confusão,
Da grande facilidade
Com que se mata um christão.
Faca, navaia e revolve
Anda aqui em profusão,
Manejadas por bandidos,
Uns mulambento, outros não.

Siturdia, por inzemplos,
Um cinema chic — o Odeão —
Promóde uma fita nova
Tava cheio dum povão.
Nisto alli rebenta um tiro
E cahe um moço no chão,
Ferido por uma bála;
Imagine a confusão!

Despois se soube a rezão
Desse bruto desatino
Que podia victimá
Uma moça ou um menino:
Um coroné véio e feio,
Mais mettido a figurino,
Comportou como um cobarde,
Um patife, um valdevino.

Por uma questão atôa,
Dessas coisa de nonada
Que nós na roça resolve
C'uma ou duas bofetada,
No moço o véio dispára
A pistóla carregada:
Ansim na côrte procede
As gente graúda e grada...

O moço tava de chapéo
Na cabeça collocado;
Nos cinema desta côrte
E' um costume muito usado.
O coroné Cavalcante,
Si fosse mais inducado,
Devera d'ansim fallá
Com uns módo delicado:

— «Cavaieiro, o seu chapéo
Não me deixa a fita oiá;
O sinhô, por obsequio,
Não podia elle tirá?»
Ou antonce o coroné
Que mudasse de logá;
E não tinha assuccedido
Uma scena tão brutá!

Adeus, comadre Thereza,
Não posso escrevê mais não;
Tou com fome e vou comê
Pé de porco no feijão,
Quitute que, como sabe,
Sempre foi minha paixão.
O compadre e amigo véio
TIBURCIO D'ANNUNCIAÇÃO.

RESTAURANT ASSYRIO

Baile á fantazia dedicado ás familias Cariocas

AO AR LIVRE

A ACADEMIA

A eleição em que se forjou o ultimo dos immortaes deuses que se se assentam nas quarenta poltronas do nosso Olympo literario, não preoccupou o publico. O sr. Osorio Duque Estrada foi immortalisado sem protesto, ao desdenhoso sorriso da indifferença geral.

Eleito, o pesado noticiarista seguiu o exemplo dos outros academicos ultimamente eleitos, que se não mostram dispostos a cumprirem o unico artigo do regimento da Academia que ainda não foi totalmente violado.

Ainda não tomaram posse effectiva de suas cadeiras, os substitutos do Barão de Rio Branco, de Lucio de Mendonça, do Barão de Jaceguay e de Sylvio Romero.

O substituto de Rio Branco allega, para addiar a posse, que, sendo ministro das Relações Exteriores, não póde estudar livremente, sem indiscreções improprias do seu cargo, a obra do integrador territorial do Brasil. O sr. Lauro Muller foi eleito quando se procurava um successor para o presidente Hermes e é provavel que seja recebido quando se procurar um herdeiro para o Presidente Wencesláo.

O sr. Emilio de Menezes, a quem o Paraná, segundo se diz, offereceu o fardão academico e que, ainda de conformidade com o sussurro publico, escreveu, em seu discurso, uma bella pagina sobre as *rosas* de Lucio de Mendonça, espera que o eminente poeta Luiz Murat acabe a oração com que o receberá.

O sr. Osorio Duque Estrada, que no seu primeiro aranzel escripto depois de sua eleição desancou a Academia, retardará a sua recepção até o feliz momento da conquista da farda.

A eleição deste candidato, a ultima travada na Academia, não preoccupou a opinião publica, porém a que vae ser travada sobre a recente vaga de José Verissimo já começou a despertar o interesse geral.

São comprehensiveis aquella despreoccupação e este interesse.

O sr. Osorio Duque Estrada, escriptor que não tem apreciadores, disputou a cadeira que obteve, ao sr. Farias Brito, philosopho que não tem leitores. No pleito vindouro, disputarão individualidades conhecidas.

O sr. Alberto Torres, politico que passou pela presidencia de um Estado e por um ministerio da Republica sem deixar traços da sua passagem, é um philosopho que philosopha para o grosso publico, fazendo a sua philosophia em artigos de jornaes. Não se comprehende a presença deste erudito scismador entre os candidatos á Academia, pois elle declarou á imprensa que o seu titulo academico ficaria sem significação na sua vida de pensador.

O venerando Barão Homem de Mello é um candidato respeitavel. E' o contemporaneo de dois regimens. Vio cahir o Imperio e vio nascer a Republica. Era governador da então provincia do Rio Grande do Sul quando o general Conde de Porto-Alegre, com o prestigio adquirido em duas guerras, conseguio levantar e organisar na terra gaúcha o famoso segundo corpo do exercito atirado ao territorio paraguayo: — é uma illustre testemunha desse grande commettimento. Ligado assim aos magnos feitos de outr'ora, o digno titular é uma reliquia do passado e está muito bem no Instituto Historico.

Annunciou-se a candidatura do sr. Amadeu Amaral, mas nada demonstra que o admiravel poeta das *Nevoas* pretenda tomar parte numa peleja em que talvez combatam amigos do seu coração e admiradores do seu espirito.

Falou-se tambem no sr. Bastos Tigre. Havia fundamento nos boatos espalhados sobre a sua pretensão academica, da qual o ridente humorista recuou por lhe parecer que a eleição cabe ao Presidente da Sociedade de Homens de Letras.

A candidatura do sr. Alfredo Pujol é uma cavilosa mentira de João do Rio.

O notavel poeta Humberto de Campos, que foi indicado por motivos regionaes, por um jornalista do norte, não se apresenta.

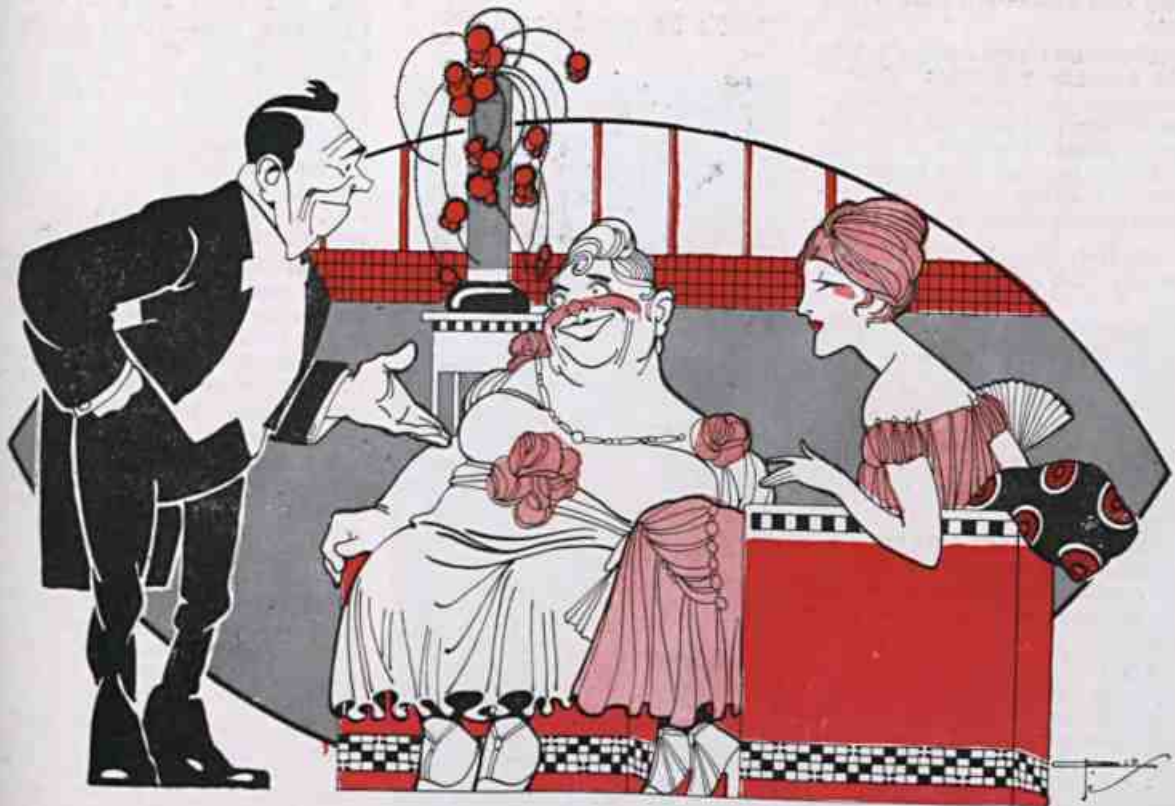
A imprensa, num honroso movimento expontaneo, levantou a candidatura do sr. Oscar Lopes. Se o Presidente da Sociedade de Homens de Letras acceitasse e mantivesse essa candidatura, seria um candidato forte, pelos brilhantes meritos literarios que o singularisam entre os que até agora se apresentaram a disputar esse posto literario. O sr. Oscar Lopes, sobre ser o impeccavel poeta das *Medalhas e Legendas* e o perfeito prosador do *Livro Truncado* e da *Maria Sydney* tem um magnifico volume de *Conferencias* e é o consagrado autor de algumas das peças que serviram de campo ás batalhas em pról da nacionalisação do theatro brasileiro. Bastava esta ultima circumstancia para firmar o seu direito ao legado de José Verissimo.

Até agora estão declaradamente em campo o sr. Alberto Torres e o Barão Homem de Mello. A vaga, porém, ainda não foi declarada aberta. Ha tempo para se apresentarem outros candidatos, entre os quaes teriamos o prazer de ver entrar na liça para conquistar a victoria o tenaz organisador da Sociedade Brasileira de Homens de Letras.

O sr. Oscar Lopes é um brilhante e querido collaborador da revista em que eu escrevo, mas esta circumstancia, que seria legitima, não é que origina a minha sympathia: esta nasce dos seus raros meritos intellectuaes.

Botafogo. 1916.

J. FALCÃO

Engrossamento

— Eu lhe asseguro, Exma. Sou intimo do Wenceslau. Depois que a conhece, o Presidente só tem um desejo: — ficar viuvo.

Redacção — Rua 15 de Novembro, 27 — 1º andar

BELLAS-ARTES

A arte tem muito de sobrenatural.

Sombra e luz, diaphaneidade e mysterio, ella é a propria vida dispersando-se pelo Universo na ancia de se communicar com o inanimado das cousas, para insufflar-lhe, atravéz da Alma creadora, essa vibração indefinivel, essa mysteriosa palpitação que não é mais que um rudimento, uma scentelha, um atomo da vida do artista inoculando-se na Pellula paralysada, como uma gotta de sangue fertilisante.

A suprema expressão da arte está precisamente nessa obscura transfusão de calor e de luz, — despojo de vida que faz estremecer as cousas inánimes, e a cujo incitamento a nossa alma, extasiada, sahe fóra do seu envolucro corporeo para com elle conviver e crear.

Ha dias, ainda, visitando a exposição de Wasth Rodrigues, cheguei a sentir todo o intenso e hypnotisante poder que certas obras de arte exercem sobre a nossa visualidade psychica.

As suas télas, cheias de uma realidade sugestiva, têm, quasi todas, a animal-as esse sopro de que torna perfeitas as creações artisticas pela reproducção palpitante de um trecho da natureza em que pareçam ciciar as vozes do Ignoto, ou de um seio offegante de Mulher, no qual resplandesça o lampejo da seiva poderosa e fecunda.

Os nossos olhos se demoram sobre os seus quadros, e nos penetra, de subito, o vago mysterio que paira pelo esbatido das sombras, pelas defumadas «nuances» da Côr ou pela nervosa sinuosidade das linhas fugidias, levando-nos, por um conducto invisivel, á evocação da Natureza viva atravéz desses traços arquejantes que a palheta deixou, inspirada, num miseravel farrapo tornado assim, pelo esforço penoso do homem de arte, um canto da Realidade objectiva e creadora.

Pelo extasis chegamos a reproduzir o sonho do artista, advinhando, no fugitivo contorno das formas esboçadas, o que ellas guardam de incomprehensivel na obscuridade das sombras.

E' a vida dos vivos associando-se, numa cohesão consorciadora, á vida dos inanimados, immersas uma na outra pela transcendental attracção desse fluido magnetisante — germem ou fragmento de alma que se diffundio do cerebro do artista, e que a palheta transportou para a téla.

Não existe nos trabalhos de Wasth Rodrigues nada de obscuro ou de irrevalado. A sua mão firme, obediente ás suggestões creadoras do seu espirito, soube reconstituir, com uma visão superior e uma impeccavel segurança de detalhes, a curva quente de um collo que parece arquejar entre a moldura impassivel, ou a fôfa maciez de um crepusculo em que se sente o velludoso calor do sol moribundo e a lassidão dormente do arvoredo que nos dá, entre a nevoa esbatida, a illusão bucolica de uma enternecedora miragem...

Não lhes falta, sim, essa suprema expressão de mysterio, de cousas que foram apenas balbuciadas, e que, por isto, se tornam incomprehensiveis, vago anhelar que nos embevece e nos incita ao sonho...

O vinculo espiritual que nos prende, ao primeiro relancear de olhos, ás creações de Wasth, escravisando despoticamente a nossa admiração, é a prova mais decisiva, que á nós mesmos podemos apresentar, do immenso valor desses trabalhos de arte.

Essa affinidade, ou como quer que chamemos a instantanea sympathia que tão intensa alliança estabelece entre a alma do observador e a vigorosa plasticidade dessas télas que tem a animal-lhes o vigor da pintura a chamma de uma surprehendente inspiração, nos fornece a visão, bem nitida, das faculdades excepcionalmente creadoras desse pintor de raça.

Carlos Ribeiro

No Parque Antarctica

Um instantaneo

«Belvedére» da Avenida Paulista

Kermesse em beneficio do hospital «Humberto I», no ultimo domingo

de Toledo Ribeiro, Anna Luiza da Gama Cerqueira, Bernardo de Campos, Pequerrucha Monteiro de Toledo, Eponina Lindemberg, Antonia de Oliva Macedo, Maria Candida de Campos Leite, Julia Chaves Ribeiro, Julia Dias Nogueira, etc.

*

O Corso como sempre, movimentado. O «belvedére» repleto de pessôas que afadigaram na vertigem dos autos, e que alli vão em busca de um pouco de sombra, de repouso e de... gelados.

Um luminoso sorriso paira por todo aquelle ambiente batido pelos ultimos raios do sol, e a alegria, sincera e tumultuosa, prosegue, tarde á fora, até que com as primeiras sombras da noite e o crepitar dos reflectores electricos, a multidão se dispersa e os autos, buzinando, debandam, num esvoaçar de plumas e de sêdas, para o centro da cidade.

*

O Carnaval avisinha-se, e já se apprestam os clubs na faina dos carros criticos e allegoricos, e já se fallam, á surdina, em festas «chics» nos salões aristocraticos da Paulicéa, onde toda a gente quer dar a nota da suprema elegancia e da mais requintada originalidade.

No mais, no ultimo domingo, uma bella festa em beneficio do «Hospital Humberto I», no belvedére da Avenida Paulista, á qual concorreo a fina flôr da colonia italiana.

Aos Domingos

Os nossos céos resplandesceram de novo, após os dias tempestuosos que abriram uma rude solução de continuidade na sua luminosa transparencia opalina.

O sol, que se havia submergido na espessa densidade das nuvens plumbeas, surdiu novamente, entre cortinas de ouro e purpura, empunhando o seu sceptro scintillante, no fastigio victorioso da luz.

E, para a delicia inefavel dos que se aprazem em perambular pelas nossas ruas, a temperatura, depois das ultimas chuvas, baixou bruscamente ao confortante frescor dos dias primaveris, transmittindo á nossa epiderme ainda enervada pelos calores da «saison» de fogo, a sensação cariciadora de um banho...

*

A nossa «urbs» movimentou-se, engalanada pelo colorido festivo das «toilettes», pela ondulação das plumas, pelo sorriso encantador das «jeune-filles», cujas deliciosas silhuetas se recortaram na luz flava desses dias incomparaveis, pondo por toda a parte o «enchantement» velludoso de suas perturbadoras seducções.

Vimos no «triangulo»: — As irmãs Cintra, Miles. Esther Reichert, Izabel Veiga, Maria Lourdes de Araujo, Nair Oliva de Macedo, Anna Maria de Araujo, Margarida Magalhães Castro, Zuleika Nobre, Maria de Mendonça Uchôa, familia Corrêa Dias, Miles. Bernardo de Campos, Luiza da Gama Cerqueira, Annita Passos, Moreira Passos, Judith de Castro, Esther de Castro, Isolina de Andrade, Ninette Ramos, Maria da Gloria Capote Valente, Edith Capote Valente, Noemia de Abreu Castro, Octavia de Oliveira Abreu, Ruth de Abreu Cursino, Alice Bastos, Inah Bastos, Conita de Ulhôa Castro, e Madames, Maria Chaves Ribeiro, Isolina

Avenida Paulista

Festa no «belvedére» em beneficio do hospital «Humberto I», no ultimo domingo

OS CRIMES BARBAROS

A TRAGEDIA DA USINA DE DOIS IRMÃOS, EM PERNAMBUCO

A's 4 horas da tarde de 11 de fevereiro do corrente anno, junto da usina Dois Irmãos, em Pernambuco, foram encontrados uns despojos humanos, sobre os quaes se repastavam numerosos corvos.

Thomaz Garcia, a victima

Reconheceram as autoridades locaes tratar-se do hespanhol Thomaz Garcia, de vinte e cinco annos de idade, socio, em negocios de exploração de terras, do venezuelano Theodoro Jambog Rosa, professor de linguas, ha pouco chegado da America do Norte, a bordo do *Byron*.

O cadaver do infeliz Thomaz Garcia fôra completamente devorado pelos corvos, menos as mãos, em uma das quaes faltavam dois dedos, indicio por onde se estabelece a sua identidade.

Verificou-se tratar-se de um crime de assassinato e roubo, não tendo podido ainda a policia pernambucana desvendar os seus tramites e descobrir os facinoras, que talvez fiquem para sempre impunes.

Cousas leves

S. exc. o sr. X. apezar de ser bacharel e possuir a physica apparencia de qualquer homem normal, carrega a mais confortante pança do Senado.

S. exc. tambem bebe. E quando s. exc. chupa champagne em excesso, esquecendo a respectiva qualidade de bipede pensante, transforma o appendice nazal em chafariz e a bocca em tubo de lança-torpedos ..

Certa vez, prezo ao espirito magico do alcool, o sr. X. resolveu desencarnar-se totalmente.

Para attingir a esse fim s. exc. foi a um cabaret da rua do Passeio, sentou-se em uma mesa e pediu champagne. Gostou della e pediu mais. Animou-se e mais ainda bebeu...

Duas horas depois éra tal o enthusiasmo do sr. X. que s. exc. resolveu quebrar copos, garrafas e as bitaculas do maestro da orchestra.

O garçon que servia a s. exc., um robusto rapaz de rijos musculos, approximou-se delicadamente para acalmal-o.

O sr. X., recebendo-o a murros e dentadas, pôz-se em pé e berrou :

— Eu hoje não sou *eu*, patife !

Ouvindo tão categorica declaração o garçon perfilou-se, arqueou o braço com arte e descarregou-lhe o muque todo na testa.

O sr. X. desappareceu sob as pernas da mesa e tentou erguer-se gemebundo :

— Eu, um homem de importancia... um sena-d-or... Catapruz ! E novamente s. exc. voltou sem a minima vontade para baixo da meza.

Houve um reboliço em toda a sala, correu gente, damas desmaiaram, só o garçon não perdeu a calma e quando se viu cercado pela assistencia explicou :

— O senador, depois de esmurrar-me e morder-me, declarou textualmente : «*eu* hoje não sou *eu*». Castiguei nelle o *outro*, o que me aggredira.

E com grande espanto de todos os presentes, quando tiraram o sr. X. debaixo da mesa, s. exc. éra de facto outro, porque no lugar do nariz s. exc. tinha um girão repleto de gallinaces do sexo forte.

JÓCA

A semana astrologica

AS PESSOAS NASCIDAS EM FEVEREIRO

27 — Correrão grandes perigos, si viajarem sobre aguas.

28 — Ameaças de ruina na idade madura.

29 — Propensão á melancholia e ao suicidio.

MEZ DE MARÇO

Do 1º ao dia 20, este mez está sob a influencia dos «Peixes», e de 21 ao 31, sob a do «Carneiro». O primeiro signo procura as honras e os bens pelos proprios esforços, mas dá, entretanto, um espirito irrequieto e descontente de tudo e de todos, com tendencia assignalada para a teimosia e o despotismo.

AS PESSAOS NASCIDAS EM MARÇO

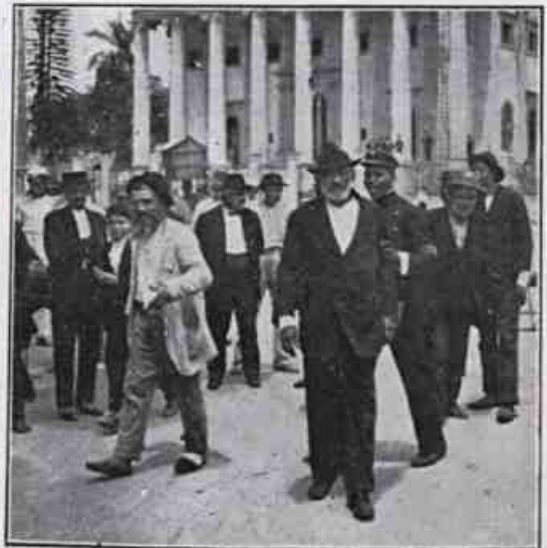
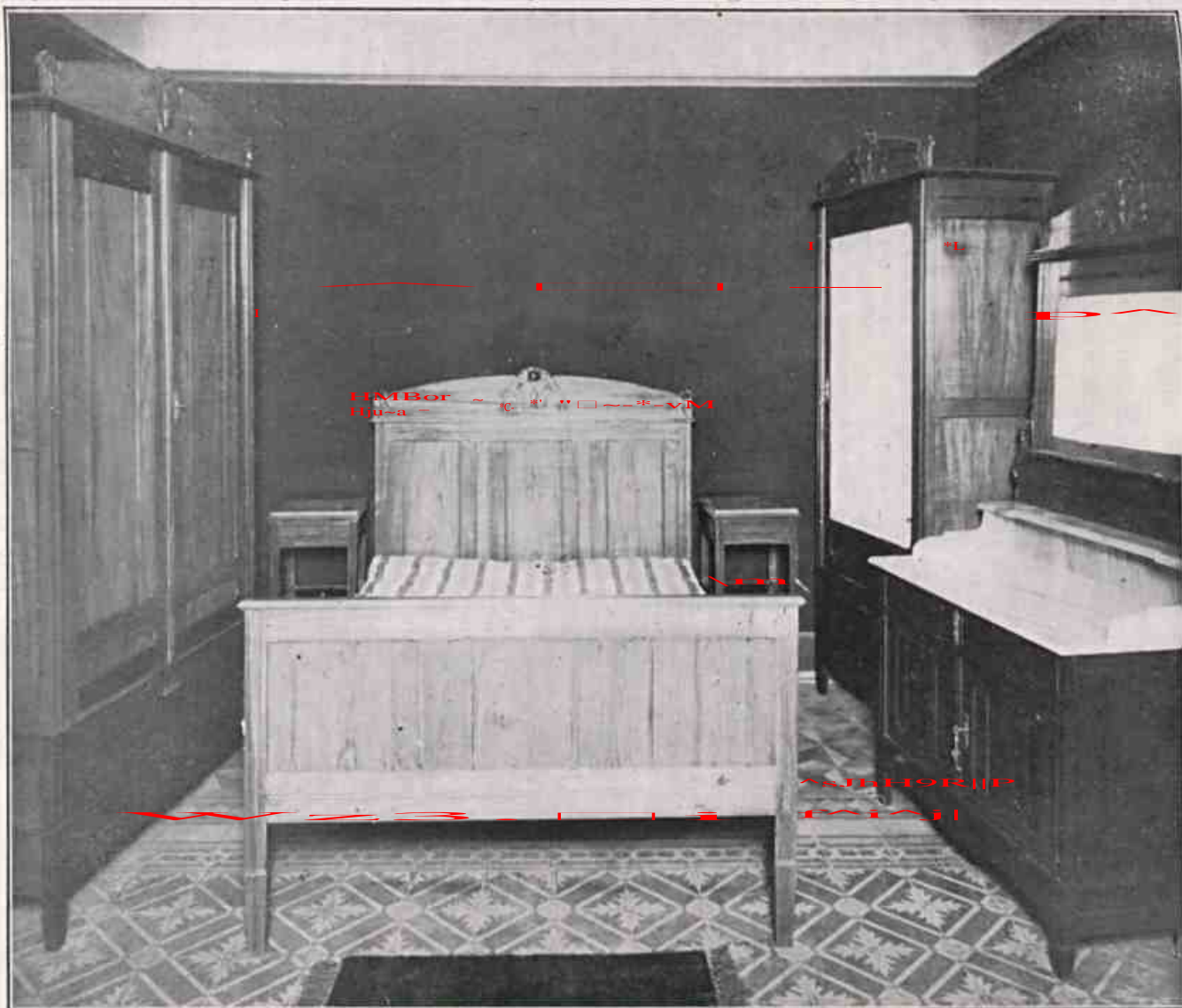
1º — Serão temerarias e amarão as aventuras.

2 — Occuparão posições elevadas, e terão muitos invejosos.

3 — Adquirirão a felicidade por meio de relações escolhidas.

4 — Passarão a vida em trabalhos penosos e cheios de tormentos.

5 — Farão viagens muito perigosas.

Largo do Machado

Conflicto provocado por mendigos

UM PRATO DESCONHECIDO

— do —

Manual de Cosinha

(Ignat Herrmann)

Xasceu em 1854 em Chotebor (deve-se pronunciar Cotieborch) Bohemia, *Ignat Herrmann*. Pobre, ao sahir da escola primaria entrou como caixeiro em uma mercearia, fez-se *cometa* (caixeiro viajante) empregado de escriptorio, administrador de uma livraria, repórter, depois redactor de jornaes.

Publicou; *Pobre tinteiro* (1880); *Figuras de Praga* (1884-86); *Gente humilde* (1888); *Cantos de Praga* (1889); *A boa gente de Praga* (1893); *A torto e a direito* (1895); *Imagens extinctas* (1905); *Velhos pagodistas* (1908); contos: *Pae Kondelik*, *Veivara o noivo*, *O armazém* comido romances.

Ha uns trinta annos é o director da melhor revista humoristica tcheque *Chavanda o gaiteiro*.

E' redactor do jornal de maior circulação na Bohemia *Xarodin LisXy*.

* * *

— Que diabo está você a remexer constantemente no armario? resmungou o senhor conselheiro ao copista Konopásek, com o qual tinha ficado só no escriptorio, naquella vespera de Natal.

Fazia-se tarde. O senhor conselheiro despachava ás pressas alguns papeis, para não ficar sobrecarregado depois das festas. O copista tinha já por varias vezes deixado suas papeladas para examinar o armario. Ora faltava-lhe a areia, ora uma regua mais comprida; de tempos em tempos mettia as mãos entre os bastonetes de lacre.

O senhor conselheiro não tinha ainda dito nada, contentando-se em fungar, como de ordinario quando o atacava o máo humor. Mas este vai-vem continuo do copista acabou por impaciental-o e o senhor conselheiro resmungou.

— Não é nada, senhor conselheiro, não é nada, respondeu vivamente Konopásek, cuja face terrosa se coloriu levemente. Foi o barbante que eu acabei. Queria coser ainda esse inventario. Vou procurar um novello novo.

— Mas que diabo? Pois não vê um sobre a sua meza? está a entrar-lhe pelos olhos! resmungou o conselheiro; e indicou quasi defronte do nariz de Konopásek um rolo de barbante amarello e negro de coser os autos.

— A lembrança de suas carpas fritas deu-lhe volta aos miolos? Deixe estar que ellas não lhe escaparão!

Konopásek tornou-se vermelho e continuou a coser. Um instante depois levantou-se de novo, chegou até a porta, tirou uma chave do quadro e sahiu do escriptorio.

O senhor conselheiro levantou-se como se um mosquito o tivesse picado e a passos meudos approximou-se do armario. Abriu-o e examinou o que Konopásek podia ahi procurar.

Quasi nada existia nelle: um pouco de papel, um bocado de barbante, alguns bastões de lacre, dois pares de pinceis: a um canto de uma prateleira algumas caixas pequenas e redondas sobre a coberta das quaes estavam colladas obreias do tamanho de um *kreutzer*.

Uma dessas caixas estava um pouco afastada. O senhor conselheiro segurou-a para juntal-a com as outras e levantou-a machinalmente; estava vasia.

O senhor conselheiro levantou uma outra, sacudiu-a: egualmente vasia. Segurou uma terceira, uma quarta, uma quinta: todas vasias. Só as duas ultimas estavam cheias de obreias, uniformemente brancas. O senhor conselheiro levantou os oculos para a testa.

— Que quer dizer isto? Pois se não ha quinze dias que elle as comprou! Onde diabo collaria elle tudo isso?

Konopásek entrava nesse momento no escriptorio; notando o senhor conselheiro perto do armario, tornou-se branco como o linho.

— Diga-me uma coisa, onde metteu todas as obreias?

— Senhor conselheiro, implorou o escrevente de mãos postas, não me perca; tenho mulher e seis filhos.

O senhor conselheiro não tinha até ali pensado em nada; sómente agora varejou qualquer coisa de suspeito, sem todavia comprehender o que podia ser.

— Obreias!... Que podia elle fazer com ellas?

O escrevente, tremulo, livido, aniquillado mergulhou seus dedos ossudos no gibão surrado, esverdeado e tirou um lenço cujos cantos estavam amarrados

— Estão todas aqui, disse batendo os dentes. Vou collocal-as nas caixas, de novo.

Desatou as pontas e derramou sobre uma folha de papel um monte de obreias.

O senhor conselheiro comprehendia: o escrevente havia-as subtrahido; mas para fazer o que, para fazer o que?...

A colera do magistrado cedeu lugar a curiosidade. E o conselheiro gritou impacientemente:

— Que queria fazer com ellas, Konopásek?

— A ceia, senhor conselheiro, gaguejou Konopásek. E' a vespera de Natal. Não tenho em casa um vintem ao menos. Prometti á minha mulher levar obreias; ella frita-as na gordura. Tenho seis filhos; é necessario preparar-lhes uma ceia. Não comem desde pela manhã: nada temos no guarda-comida.

O senhor conselheiro abaixou as lunetas e lançou um olhar sobre as rodellinhas brancas com gosto de amido, sem sal nem gordura. Queria olhar Konopásek, mas seu olhar desviou-se bruscamente desta pobre face sobresaltada, com os labios azues sobre os quaes tremia o bigode grisalho; seus olhos fixaram-se sobre a gravata amarrotada e manchada do copista e ordenou:

— Já comeu isto, Konopásek?

— Sim, senhor conselheiro, balbuciou o escrevente.

— Isso é comestivel? interrogou o conselheiro espantado.

— Sim, senhor conselheiro. Si ao menos eu tivesse isso de tempos em tempos, meu Deus!...

— Ponha já isso dentro das caixas... ordenou o conselheiro com uma voz de repente alterada; e tomou lugar na sua meza.

O copista alisou as obreias com os dedos magros, sujos de tintas e encheu as caixas vasias.

Quando acabou, assentou-se para continuar seu trabalho.

Mas foi em vão; seus dedos tremiam, seus olhos pestanejavam, suas temporas batiam. Seria posto na rua, era a vergonha, era a miseria.

E os filhos que nada comeriam áquelle noite!

O senhor conselheiro olhou varias vezes para Konopásek, limpou os oculos, depois os olhos, tomou uma pitada nervosamente, aos poucos.

Elle mesmo não podia trabalhar.

Estava sem duvida encolerisado contra esse canalha do copista que furtava obreias para frital-as na gordura para a ceia de seus filhos. Agitava-se sobre a cadeira; emfim levantou-se e foi para a porta.

O escrevente poz-se a tremer: ia ouvir sua sentença de morte.

O conselheiro approximou-se do culpado e sem olhal-o:

— Pegue seu sobretudo e seu chapeu e vá ao mercado, ordenou. Ahi comprará uma carpa bem grande e leval-a-á já para casa, para que sua mulher tenha tempo de preparal-a. Ouviu? Em seguida comprará nozes e maçãs para as crianças. E para sua mulher uma garrafa de punch ou chá, ou o que quizer tomar depois da ceia. Tome, vá!

A essas palavras, tirou do bolso sua carteira, pegou numa nota e pol-a na mesa.

Konopásek, estupefacto, reconheceu uma nota de 10 florins.

— Jesus, Maria! senhor conselheiro! começou, incapaz de continuar talvez porque o senhor conselheiro fizera um gesto brusco, ou ainda porque os maxillares do pobre escrevente se entrechocavam, como se estivesse com febre; de espanto, de surpreza, de alegria, que sei eu.

Um momento depois o senhor conselheiro ficava só no escriptorio, mas não estava mais disposto a trabalhar. Levantou-se, poz sobre os hombros sua bella pellissa, enfiou as luvas forradas á ultima moda e fechando o escriptorio, foi-se embora.

Satisfeito da vida, pensava em seus seis filhos e regosijava-se antecipadamente com a alegria que elles teriam a vista dos presentes guardados ha já oito dias.

Mas de tempos em tempos uma nuvem de melancolia invadia-lhe o espirito ao pensar em Konopàsek e em suas obreias fritas na gordura.

FIM

Fortaleza (Minas Geraes) 1º de Julho de 1915

Illmos. Snrs. Viuva Silveira & Filho

Rio de Janeiro

Cordeaes saudações

O abaixo assignado, artista, residente nesta localidade, achando-se soffrendo de rheumatismo chronico, usou diversos remedios não obtendo resultado algum. A conselho do Snr. Antonio Pareto d'Araujo, começou a usar o vosso ELIXIR DE NOGUEIRA do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira e com o uso dos 2 primeiros frascos, tirou optimos resultados; continuando a usar, ficou completamente restabelecido.

Para bem da humanidade soffredora, venho por meio d'esta declarar a minha gratidão a esse grande remedio. Queira acceitar os meus sinceros agradecimentos.

De VV. SS. Amos. Atto. e Crdo.

Claudemiro Jonas Gonçalves — Claudemiro Jonas Gonçalves

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias, casas de campanha e sertões do Brazil. Nas Republicas Argentina, Uruguay, Bolivia, Perú, Chile, etc.

FORÇA DO OFICIO

Um gatuno foi confessar-se, e parecia contrito e arrependido da sua má vida. Emquanto o padre o absolvia, ele observou por fóra da batina o volume que fazia o relojio no bolso interno. A força do costume agiu, e elle furtou o relogio do confessor.

O padre notou aquela fraqueza, e levantando as mãos para o ceu exclamou:

— Filho meu, é possivel que não tenhas força de vontade?

— Não é isso padre, respondeu o ladrão. Tirei-lhe o relojio porque queria saber a que hora começou o meu arrependimento.

X.

FOOT-BALL

Bolas de 1.ª para Matches officiaes marca "Metropolitana"
da Liga "Sportman" n. 5 .... 35$000
Bolas para Training "The Club" n. 5 28$000
" "The Star" n. 5 .... 24$000
Bolas Rex comp. n. 5 .... 18$000
" " " 3 .... 12$000
" " " 1 .... 8$000
Camaras de ar, n. 5, 6$ — n. 3, 4$ — n. 1, 3$
Pelo correio mais 2$000
O pedido deve vir em vale postal ou carta registrada

CASA SPORTMAN
M. MATTOS
RIO DE JANEIRO
Rua dos Ourives, 25 - Secção de vendas para o interior

Peçam catalogos para 1916

PETROLEO HAYA

O melhor para os cabellos

INFALLIVEL

Ultima palavra

A' venda em todas as perfumarias

Deposito Geral:

Casa A' NOIVA

A. Abel de Andrade

Rua Rodrigo Silva, 36

(Entre Assembléa e 7 Setembro)

Telephone Central 1027